

© *Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.*

© *All rights reserved.*

ARMANDO MARTINS JANEIRO

**A GRANDE FEIRA DO MUNDO  
AUTO**

## DEDICATÓRIA A GIL VICENTE

Amado Mestre

Tu nos ensinaste

as virtudes lúcidas do Riso  
– do riso que abre os olhos da verdade  
à luz como quem lapida  
pedras raras  
riso que aquece o coração de bom humor  
e as almas torna límpidas e claras  
da lama vil da vaidade  
e do servil louvor

Mestre! Manda-nos de Riso niagaras  
que afoguem no vinho da alegria a vil tristeza  
da nossa vida baça  
Foi o Riso e aquela candura matinal  
que ele faz fulgir e que a razão clara ilumina  
que animou Portugal  
a ousar os caminhos da grandeza  
e a cantar o mais alto canto que a bravura e a inteligência ensinam

Foi de alma a rir nos momentos de assombros e de perigos  
a visão rigorosa e severa a decisão brutal e fria  
a verdade nos olhos  
e o coração sincero  
que vencemos da carne a cobardia  
zombando da prudência e mediania  
pisando o corpo vil da nossa própria dor e desespero

É assim que se é Homem

– a razão firme o sentimento mais humano e puro  
a áspera lucidez que não foge a enfrentar a mais crua realidade

o temor sagrado do mistério que inda envolve a bruma de oiro do futuro  
a fome de aventura que caminho algum consome  
e a força dura seca inabalável da vontade

Tais eram do teu tempo os Portugueses  
seus gestos carregados de acção e sentido profundo  
levavam a alma toda num só rasgo a todo o mundo  
Seus corações vinham lavados pelos vendavais  
do riso escárnio e maldizer que sopravam ainda  
da trova ingénua e da coragem selvagem dos avós  
Oh versos de malícia doçura e desplante viril!  
Dá-me um abraço ó camarada Paay Soarez de Taveiros!

Coração generoso a rir de pélagos e medos  
os capitães partiam para a Índia ainda a cascalhar  
das chalaças dos teus autos que eles repetiam ledos  
antes de irem encontrar a morte Fomos zombar  
à China e ao Japão dos seus rabichos e dragões das suas divindades  
Mas fomos também Nós que as primeiras gramáticas um dia  
nas suas próprias línguas escrevemos  
e às mais belas mulheres o sabor do amor exótico mostrámos  
E com a mais gentil e garbosa cortesia  
com eles depois do combate bebemos  
a viril taça que une os homens na Amizade

Mestre bem-amado  
deste a uma Era o Pão espiritual do Riso  
No teu corpo porém doutorais e circunspectos já  
«homens de bom saber» escreviam comédias mortalmente enfadonhas  
e enquanto suávamos de tédio a ler os *Vilhalpandos* do doutor Sá  
e uma onda de árcades insípidos depois amaneirava  
«desmaios de Maio em sombras do Mondego» e coisas mais tristonhas  
o venerável abade Brantôme finamente dissertava  
«sur la beauté de la belle jambe et la vertue qu'elle a»

Para a poesia formosa de Camões de Caminha de Diogo e Ferreira  
para os contos esbeltos de Trancoso e os apólogos suaves de Bernardes  
para o encanto poético e gentil  
do romance de amor de Bernardim  
e os sermões cunhados no bronze de Vieira  
que de versejadores de doutores de pregadores sofreremos!  
de enfadosos engenhos pastoris  
que de pastosas moralidades e prédicas que de pomposas frioleiras  
que de monótonos autos dos teus continuadores  
– tantos deles inda mais que o presente maçadores –  
que de elegias de epitalâmios de odes que de poesia furfurácea!

Só a brisa dos Poetas verdadeiros  
de quando em vez rompe jucunda  
um século da luz do sonho inunda  
e sopra sobre nós a frescura virginal da sua audácia

Perdemos a confiança em nós próprios fomos fracos  
sob a Espanha – foi tudo triste houve traições quintas colunas  
e as fogueiras da Inquisição cobriam o nosso doce Céu de pavor e negras nuvens  
do fumo que queimava entre os mais hábeis  
Mas renasceu um dia em flores a nova Primavera  
Rompeu de novo o sol garrido  
com o Pinto Renascido  
alguns padres brejeiros Tolentino – e Bocage!  
Fulgiu o sol gentil formoso de Garrett  
o verbo de Camilo mordaz sangrou dos lentes  
a petulância o plágio e a ignorância espessa  
zurziu o varapau eloquente de Fialho  
floreteou a bengala de castão de oiro de Ramalho  
e finalmente raiou a larga claridade espiritual do Eça!

Mas também essa vaga vai longe e é olvidada já  
Voltou a gravidade a cátedra e os doutores  
arrasaram-nos de saber de teorias de sentenças  
de novo os «homens de bom saber» predicam cá  
Ninguém mais escreve autos – bocejamos e sofremos  
Contra a sua eloquência obnóxica e empáfia  
de arrevesadas piruetas estilísticas  
contra a sua prosa hirsuta e esquipática  
composta olho no dicionário pensamento na gramática  
(ao lado delas são alegres as endoenças  
e há génio e sedução nas estatísticas)  
Nada podemos!

Contra o Romance que em cidades e serras prolifera  
ora pomposo e verboso ora seco e peço e sempre frio e vazio  
tão fastidiosamente original  
que faz suar a testa e seca a inteligência  
– mas que a crítica que cá dita e prepondera  
(oh a Crítica! também sofremos a Crítica!) assevera  
que é obra-prima universal –  
Nada podemos!

Quanto à Novíssima Esotérica Poesia que nem quem a escreve entende... não – passe...  
calo-me para que não me acusem de faltar ao espírito de classe  
Acode Tu que inundaste Portugal de Alegria e Folia e Pão espiritual do Riso!  
– Qual a relação algébrica entre riso e siso Mestre Gil?

Para nós já não há salvação nem remédio  
o «homem de bom saber» agora instalou-se triunfal  
e às carradas espalha do seu monumental talento o tédio  
sobre a época Pontifica na rádio na tele- no jornal  
à mesa do café no jantar no sínédrio  
tornou-se no ideal desta sociedade hesitante e incerta – categórica apenas no pequeno

[e accidental –

deste século sem ideias e sem alma ao pé do qual parece simples natural  
o artifício mais barroco e a decadência mais gongórica

Por isso vamos beber à tua fonte  
os sequiosos da linfa pura da Alegria  
esperança nova que vem de antes de Ti e vai além do visível horizonte  
como a luz virgem em que desponta o dia

*ENVIO*

Caro Mestre Gil

recebe  
este Auto moderno em preito  
humilde jocoso e alegre  
do meu amor e respeito.

Mais de há quatrocentos anos  
pousaste a pena e partiste  
Sabe porém que os humanos  
não mudaram do que viste  
e que o mundo absurdo e triste  
onde muito amaste e riste  
em tanta sátira audaz  
igual *Floresta de Enganos*  
é como adiante verás.

## FIGURAS

Gil Vicente, Vénus, Velho Rico, Velha; Anjo; Elegante Morena, Elegante Loira; Marido Baixo, Marido Alto; uma Lente da Universidade de Coimbra, Soldado, Lavadeira do Choupal, Caloiro; Ministro com o séquito de Funcionários, Lavrador, Regedor, Labrego; Cristo, Papa, Rei, Algoz, Rico, Beata, Pobre, Polícia SS Nazi.

## CENA

A Cena representa uma grande Praça onde tem lugar a Grande Feira do Mundo. Gentes passeiam, de todas as idades, profissões e todas as condições sociais, vindas das várias nações do Mundo.

Na Feira há três grandes Barracas ou Pavilhões: a primeira tem por cima uma legenda que diz «Amor», a legenda da segunda diz «Poder» e a da terceira diz «Fé».

## PRÓLOGO

*Gil Vicente, vestido de jogral, na mão uma máscara de comédia, adianta-se e recita:*

GIL VICENTE

Ó vós, grandes e pequenos!  
Vinde feirar-vos à Feira!  
Tirai a máscara que esconde  
vossa alma verdadeira!

Poderosos deste mundo,  
grandes homens do momento,  
vinde comprar a virtude,  
consciência e arrependimento!

Tomareis algum pudor,  
quatro onças de vergonha,  
do próximo, algum amor,  
que eu no coração vos ponha.

Vinde vestir a verdade,  
envergar honra e aprumo,  
despir toda essa vaidade,  
esse oiro, soberba e mando,  
que vos vão na alma pesando  
e se esvaem como fumo.

E vós, pequenos burgueses,  
a arder em sonhos sem nexos  
e ambições inconfessadas,  
vinde despir os complexos!



Vinde trocar-vos por outros  
com caras limpas e honradas!

Grandes e pequenos, vinde  
trocar essas caras falsas  
e esse ar vil,  
de avidez, crueza, usura,  
por outras francas e abertas  
de bondade senhoril  
que a alegria e a luz pura  
esmaltam.

Papas, Reis e Presidentes,  
que brilhaís por um momento  
de poder  
e sonhais na realeza  
uma ilusão de grandeza  
para passar e morrer  
no obscuro esquecimento,  
– Eu, Gil Vicente, imortal,  
Poeta e jogral,  
nesta hora  
aqui vos convoco  
e ergo à luz do dia  
para que brilheis um instante  
sob a viva luz criadora  
da Poesia.

## **PRIMEIRO ACTO**

## A M O R

*À frente da Barraca do Amor está uma linda rapariga, de Vénus vestida. Um Velho janota, de rosa na botoeira, elegante fato de sport, cachecol de seda muito garrido, calças e meias de golf e um club com que desfere de quando em quando uma larga pancada numa bola imaginária, está de longe a lançar olhares incendiados à rapariga, com ares de irresistível Don Juan.*

## VÉNUS

Quem quer vir comprar amores?

Vendo filtros milagrosos,  
olhares doces que enfeitiçam,  
vendo beijos que escravizam,  
sabem a maná do Céu;  
vendo abraços langorosos,  
talismãs, anéis, doçuras,  
e para as noites escuras  
vendo escadas de Romeu.

Quem quer vir comprar amores?

Ensino frases secretas  
com efeitos infalíveis;  
conheço passes terríveis  
que incitam paixões ardentes.  
Leio a influência dos planetas  
e outros signos misteriosos,  
faço milagres espantosos  
nos que são do amor doentes.

*O Velho, com um gesto galante e sabido, avança para a moça.*

VELHO

Levava-te até à Lua  
na cápsula dum *sputnik*  
– faremos lá um piquenique  
e tostarás ao sol, nua.

VÉNUS

E eu mandava-te à tábua!

VELHO

Sou campeão de *golf* e abalo  
a beber *whisky dry*  
qualquer um. Faço cavalo.  
Já ganhei as olimpíadas.  
Desses valentes lusíadas  
nenhum à frente me vai.  
Você pratica a canasta?  
Porque não vem  
jogar o *golf* a Cascais?  
(É três o meu *handicap*.)  
Se quiser, ao fim da tarde,  
levo-a a um chá de caridade  
no château de Seteais.  
Dois ou três Reis... muito fino!  
Ou prefere ir ver o luar  
do auto, ou ao Guincho cear?  
Venha à roleta ao Casino!

VÉNUS

Mas que homem sem nenhum tino!

VELHO

Embora não seja moço,  
em bom uso ainda estou.  
Se soubesse quem eu sou  
e o bem que fazer-lhe posso!

VÉNUS, *reservada*

Pela andadura adivinho.

VELHO

Favo de mel, alba, arminho!  
Quem a trincara de amores!

Quarenta por cento ou mais  
das maiores  
empresas industriais  
da nação  
– importação, exportação,  
inflação e deflação,  
petróleos, óleos, vapores,  
seguros, bancos, cambiais,  
*combinatas* do cambão,  
tudo está na minha mão!

VÉNUS

Isso a mim pouco me rala.

VELHO

*Zagala* que nada iguala!  
Doce ingrata que me mata  
de indiferença! Minha presença  
é tal dita, a quem admita  
aproximar-se de mim... e ela a desprezar-me assim!

VÊNUS

Guardai lá vossa importância  
e chorudos capitais.

VELHO

Ó luz, flor, jardim, fragrância!  
Como a sorrir me matais!  
O que eu te podia dar...  
Que bem fazer-te podia!  
Um emprego socolor  
em que irias a ganhar...  
Não, é melhor  
não precisar a quantia.

VÊNUS

Um tal salário exigia  
muita prática e saber  
econometria  
inglês  
arquivo decimal  
cálculo atómico

e trabalhar com  
com-  
putador electrónico.  
Ora eu, nem sequer afinal  
conheço a regra de três,  
nem sei dactilografia!

VELHO

Que inocência singular!  
Oh que gentil sedução!  
O que eu estou a pensar  
não requer preparação  
nem obriga a trabalhar!

VÉNUS

Que exige então?

VELHO

Um charme... um sorrir... a graça...  
Um não sei quê... (que sei bem)  
e em paga, jóias, um trem  
de vida distinto... um belo  
Jaguar Mark 20 *sport*,  
apartamento ao Restelo,  
boutique central na Baixa,  
as férias na Côte d'Or,  
um *chalet* aos Estoris,  
viagens de *jet* a Viena,  
*séjours* à beira do Sena,  
*ski* aquático em Saint-Tropez...

E ainda...  
ainda a ternura infinda...

VÉNUS

Cediça e tola dum velho.

*O Velho avança, mais pinga-amor, mancando mais da ciática, e diz:*

VELHO

Meus olhinhos cor de sol!  
Minha andorinha graciosa!  
Minha estrela! Minha rosa!  
Meu anjo! Meu rouxinol!  
Que de ouvir-vos ardo em chamas!  
Só de ver-vos estou cego!  
Arrebatado!

VÉNUS

Alto aí, Velho pelado  
e sem siso!  
Tira as mãos que me derramas!  
Não se vai ao paraíso  
com esses ares de morcego  
constipado!

VELHO

Minha fada! Meu luzeiro!  
Minha formosa rainha!



VÉNUS

Mas que pouca sorte a minha  
que o primeiro a abrir-me a loja  
é este velho gaiteiro!

VELHO

Vindes comigo, doçura?  
Vou instalar-vos num doce  
palácio de oiro e de gemas.

VÉNUS

Em vez de fazer poemas,  
devias tratar da tosse  
e pôr uma dentadura.

VELHO

Não há um moço capaz  
de com tanto ardor amar-vos.

VÉNUS

Grande receio me dás  
de caíres aí morto  
c'um enfarto do miocárdio.

VELHO

Gentil tirana! Meu tudo!  
Quão de fazer mal gostais  
a quem só em vós pensa e sonha!  
Meu coração, quanto anelas...

VÉNUS

Larga, fantoche de entrudo!  
Devias ter vergonha  
de com essa carantonha  
andar atrás das donzelas!

*Ecos duma valsa, ao longe.*

VELHO

Vinde comigo dançar  
esta valsa lenta e terna...

VÉNUS

Nem sequer podes andar  
da ciática da perna!

VELHO

Ao menos deixai que beije  
vossas mãos de neve pura...

## VÉNUS

Quem lhe desse dois estalos!  
Não me larga, a criatura!

## VELHO

Não vos zangueis – um gracejo:  
vou a cantar como os galos  
Có-có-ró-có! Có-có-ró-có!

*Todos os galos da vizinhança respondem num vozear ensurdecedor.*

*Neste momento surge a digna esposa, a Velha, ricamente vestida, com os braços carregados de embrulhos.*

## VELHA

Aí está ele!  
Quem será a grandecíssima...?  
Eu, todo o dia ocupadíssima –  
a *masseuse*, a *coiffeuse*, o *coûturier*, recepções, três chás!  
um *bridge* na Embaixada do *Iran*  
e tu aí estás,  
velho, a fazer de galã!

*O Velho, que ainda não apercebeu a digna esposa, põe-se a exhibir a sua muita habilidade para imitar ruídos, a que os franceses chamam «bruitage»: primeiro imita um porco a grunhir, depois um comboio, um avião a jacto a descolar, um míssil a subir e finalmente um gato aluado; neste momento todos os gatos da vizinhança se põem a miar.*

VELHA

Marido! Ó meu marido!  
Está doido! A cantar de galo!  
Quem pôde assim transtorná-lo?  
Ó marido! Marido!  
Há uma hora que te busco...  
começa a ser lusco-fusco...  
Não querem ver o inimigo  
como as arma! Mal almoças...  
e venho dar já contigo  
a correr atrás das moças!  
Eu te darei logo os beijos  
e os amórios!  
Agora, depois que és velho,  
trazes no corpo o demónio  
e andas alçado c'os cios.  
Há quanto tempo te negas  
à obrigação  
que me tens do matrimónio?

VELHO

*(Para a moça:)* Meu anjinho...  
*(Para a esposa:)* Ai o diabo da velha  
que me estraga o arranjinho!...

VELHA

Não te envergonhas, baboso,  
de andar atrás da ralé?

VELHO

Sht! Não vês que esta dama é  
de alta casta,  
deusa da mitologia?

VELHA, *snobíssima*

Por ser deusa, porém,  
se não é pessoa a quem  
encontre a jogar canasta  
em casa de gente bem,  
cá pra mim nem mesmo existe!  
Nunca a vi nos *beauty-parlours*  
nem em *parties* chiques  
onde se diz mal à larga  
de toda a gente e comenta  
e se não se sabe inventa  
os escândalos da Cidade...  
Nunca a vi sequer dançar num chá de caridade!

VELHO

Vá, sê discreta, modera...

VELHA

Vem pra casa, homem, o orvalho  
agrava-te a dor reumática!  
Vão sair-te as hemorróidas!  
Voltas a mancar da ciática! (*O Velho tosse.*)  
A úlcera que te reitera!  
Essa bronquite!  
Voltam-te as tosses e as asma...

VELHO, *para a moça*

Minha ilha de Citera...  
Sulamite...

VÉNUS

Meu avô torto...

VELHA

Ai que me cai aí morto (*O Velho tosse mais.*)  
e me rebenta do peito!  
Vem a meter-te no leito  
quero pôr-te as cataplasmas!

VELHO

Recolhe a casa, malvada!  
Inda perco as estribeiras...!

VELHA

Vais a matar-te de asneiras.  
Tu atrás das marafonas,  
em doidices, fantasias,  
e eu aqui vou carregada  
de xaropes, frascarias,  
vitaminas, sais, hormonas,  
barbitúricos, arnica,  
pós, unguentos, vomitórios,  
quininos,  
laxantes, supositórios...

levo toda uma botica!

Vem-te andando!

*Ouvem-se ao longe os compassos de um tango vigorosamente argentino.*

VELHO, *para a moça*

Ó meus olhos cristalinos,  
dai-me a honra deste tango!

VELHA

Santa Bárbara me acuda!  
Puxa a cinta e os suspensórios!  
Vão cair-lhe os intestinos!

VELHO, *para a moça*

Não deis ouvidos à Velha...  
Minha velida!  
Meu coração de oiro! Vida,  
ardor, que a minha alma ataca...  
Ó delícia...!

VELHA, *perdendo a paciência*

Tens cada olheira!...  
Vou fazer-te um chá de funcho...

VÉNUS, *para o Velho*

Ide curar o caruncho  
e feirar a outra feira.

Desamparai-me a Barraca  
ou vou chamar a polícia!

VELHO

Vénus divina,  
já que aceitar-me não quereis  
por vosso fiel amante,  
rogo ao menos me troqueis  
por outro novo e galante  
e sedutor;  
e que tal queirais tornar-me  
que às mulheres, sem excepção,  
eu faça tal impressão  
que só de olhar-me  
fiquem rendidas de amor.

*O Anjo, que tem andado pela Feira com ar desamparado e tímido, dirige-se à  
Velha.*

ANJO

Vós, Senhora, quereis comprar  
humildade, devoção,  
virtude, amor e nobreza?

VELHA

Nobreza? Vem a calhar!  
Vendei-me aí um brasão  
dourado de viscondessa!



ANJO

A nobreza que vos trago  
é de alma, é pureza estreme.

VELHA

*(Aparte.)* Oh que tipo tão aziago!  
*(Directa:)* Talvez aí tenhas um creme  
para a pele, e um esmalte  
para as rugas. Tens massagens?  
Lavagens interiores?  
Irrigadores?  
Plástico para os seios erguer?  
Pímulas para emagrecer?  
Tens aí uns *bikinis*?  
*baby-dolls* para a média luz?  
E uma tiara de rubis?

*O Anjo afasta-se dela e dirige-se ao Velho.*

ANJO

Vós, Senhor, estais preciso  
mudar de vida e de aragem.  
Quereis comprar-me algum siso  
– e para a grande viagem  
contrição, devota fé?

VELHO

Ah, não! Quero divertir!  
gozar a vida louçã!

ANJO

Vede, a morte perto é.

VELHO

Não vou morrer amanhã!

O que eu queria era elixir

pra remoçar! e uns pós

de cantáridas, bem fortes!

*(Confidente:)* Conheço duas *meudas...*

*(Pausa.)* Tendes acções bem cotadas

na Bolsa?

Maços de notas graúdas?

Tens fotos... nus de mulher? *(Desinteressado.)*

Nem laxativos sequer?

*(Despede-o.)* Deus vos salve... podeis ir.

*O Anjo afasta-se, desgostoso e triste.*

VELHA, encarando o Velho

Traidor! Don Juan! Debochado!

Sempre a correr as mulheres!

Já careca e desdentado

e não pára neste fado

de má vida e de prazeres!

Não tens vergonha?

VELHO

Ó grande arca de peçonha!

Eu perco a cabeça e...

VELHA

Esbanjaste toda a fortuna  
que de meus pais recebi!

VELHO

Velha relha e importuna!  
Se julgas que te elegi  
pelos lindos olhos... estafermo!

VELHA

E atreve-se inda a dizer-mo!  
Biltre! Tratante!  
Da minha melhor amiga  
tu fizeste tua amante!

VELHO

É pra te poupar, mulher!

VELHA, *veemente*

Eu não quero que me poupes!

VELHO

As mulheres hoje  
são bem mal-agraçadas...

VELHA

Ora o velho ferrugento!  
O caquético landru!  
Bem mostras teu baixo intento  
e a má ralé de onde vens.

VELHO

Que tens  
a dizer da minha gente?

VELHA

Que é gente reles,  
ordinária como tu.

VELHO

Quem fala!  
O teu pai era arreeiro  
de calças rotas no cu.

VELHA

Ordinário!  
Julgas que sou da tua igualha?  
Minha família é da cepa  
da mais alta fidalguia.  
Descendo por linha recta  
dos condes de Albergaria...

VELHO

... dos Treze... Que grande peta!

VELHA

A tua é baixa canalha!

VELHO

Mulher! Não fales demais!  
Eu bem sei que tens amantes  
– tenória de minissaias!

VELHA, *abespinhada*

Hoje não é como dantes  
– os direitos são iguais.

GIL VICENTE, *adiantando-se, às Figuras*

Tantos anos que vivestes  
e tão pouco siso e ciência!

Natureza humana triste  
tanto conheceste e viste,  
tanta mágoa que passaste,  
tanto caminho que andaste,  
tantas as dores que sofreste  
e tudo desperdiçaste  
e tudo o tempo sumiu  
e de nada te serviu  
a experiência.

Queres ao começo voltar  
e repetir os enganos,  
os erros recomeçar,  
o mesmo caminho andar  
ao longo dos mesmos anos.  
A igual futuro risonho,  
aspirar  
à mesma esperança impoluta,  
batalhar na mesma luta,  
arder na mesma ambição,  
sonhar a mesma ilusão,  
acordar do mesmo sonho.

De que vale reviver  
juventude, amor, beleza,  
se tudo acaba em tristeza  
e se nada altera a sorte  
e se o homem de aprender  
é incapaz, e vai ter  
por todo o caminho à morte?

*Vêm duas Elegantes, uma Morena, outra Loira, conversando. A primeira é de meia-idade, exageradamente maquilhada para esconder as rugas, veste com luxo e elegância; a segunda é nova, traz um sweater de cor incrível, slacks, os cabelos caídos pelas costas e ar desleixado das pós-existencialistas de Saint-Germain-des-Prés.*

#### ELEGANTE MORENA

Ai filha! Ai!...  
Eu sou muito delicada  
hiper-sensível, mimosa!  
Sou mais frágil que uma rosa,  
mais ligeira que uma aragem!... Ai! (*Suspira.*)

ELEGANTE LOIRA

Teu marido como passa?

ELEGANTE MORENA

Ai filha! Ai!

Meu marido é uma desgraça!

Ai, os desprezos que eu soffro!

Privações! Humilhações!

Só eu sei

as ofensas que suporto

desde o dia em que casei!... Ai!... (*Suspira.*)

Ele nunca pára em casa,

anda sempre em *cocktails*,

ceias e festas mundanas,

corre atrás de qualquer saia

– até ciganas!

Dizem-me mesmo que joga!

E vai beber à taverna!

É maluco pelo *swing*

«jetabâgue», bossa nova,

«yé-yé» e maddison,

por tudo, tudo o que há...

desde o bamba ao «chá-chá-chá»!...

Nada tanto o alvoroça

como andar a dar à perna.

Ora eu, quanto a dançar,

sou pior que uma carroça... (*Suspira.*)

ELEGANTE LOIRA

Os homens... são uma corja!

ELEGANTE MORENA

Este...

ELEGANTE LOIRA

São todos a mesma peste!

ELEGANTE MORENA

Foi uma grande decepção

esta união.

Um destes dias

vou-me dele separar.

ELEGANTE LOIRA

Porque não te divorcias?

ELEGANTE MORENA

Credo!, filha, sou cristã!

ELEGANTE LOIRA

Ele é bastante mais novo...

essa diferença de idades...

ELEGANTE MORENA

Sinto-me uma rapariga! (*Com desdém.*)

Porque de hoje as mocidades...



ELEGANTE LOIRA, *emendando*

Não digo o contrário, querida!

ELEGANTE MORENA

Foi ele que saiu má rês,  
vou pô-lo fora de casa  
e acabar por uma vez!  
Pra calar a língua ao povo  
e evitar más tentações,  
já tenho um colégio novo  
para as minhas devoções.

ELEGANTE LOIRA

E trabalha o mariola?

ELEGANTE MORENA

Um lugarzito qualquer  
no grémio do totobola...  
não sei bem... ou dos tabacos...  
Mas pra fumar, tenho eu  
de lhe dar para os cigarros.

ELEGANTE LOIRA

Ele é formado?

ELEGANTE MORENA

Seguiu qualquer telescola...  
Teleformou-se em galfarro.

ELEGANTE LOIRA, *curiosa*

A fortuna é tua, sim?

ELEGANTE MORENA

Sou rica. Disso dou graças  
ao meu primeiro marido  
por morrer antes de mim.

ELEGANTE LOIRA

Sou também muito infeliz.  
Passo as passas  
do Algarve...

ELEGANTE MORENA, *a morrer de curiosidade*

Filha! que não desabafas!

ELEGANTE LOIRA

Meu marido  
é uma calamidade!

Nunca viste igual vaidade.  
Só veste fatos de Londres,  
só põe chapéus de Paris,  
luvas, só calça do Briggs;  
importa directamente  
os perfumes de Chanel;  
todas as tardes  
vai pentear-se ao barbeiro  
e põe tanta água de cheiro

que quando ele por lá passa  
cheira o Rossio inteiro.  
Toma banho a toda a hora,  
que já tem a pele gasta;  
usa pasta  
dos dentes às toneladas  
e traz as unhas pintadas  
– põe verniz  
sete vezes por semana!  
E dorme só de pijama  
de cetim, feito em Paris.

#### ELEGANTE MORENA

Ih, que sujeito!  
E que faz o teu senhor?

#### ELEGANTE LOIRA

Foi nomeado professor  
da Faculdade de Direito.

#### ELEGANTE MORENA, *com inveja*

Ouvi dizer que é heráldico,  
tem brasão... tem pergaminho...  
distinto, muito mundano...

#### ELEGANTE LOIRA

O pai dele, que era alfaiate,  
vendia borras de vinho,  
e enriqueceu no volfrâmio.

## ELEGANTE MORENA

Ah!...

Mas de pessoas selectas  
ouvi contar  
que é homem de grande estudo...

## ELEGANTE LOIRA, *com desdém*

Não sabe fazer amor! (*Um tempo.*)

Sabe de cor as Pandectas,  
mas do mais ignora tudo!

Tem nojo de tudo e de todos.

Cai-lhe em cima um grão de pó  
– vai logo desinfectar-se.

E biqueiro! Não há nada  
a que não faça boquinha...

Anda sempre na cozinha,  
mete o nariz nas panelas...

## ELEGANTE MORENA

Ah!...

Lá má boca o meu... ao contrário  
– está sempre com uma traça!...

## ELEGANTE LOIRA

E medroso!

Se na rua uma criança

lhe bate os pés

ou se um canito lhe ladra,

desata numa corrida

que só pára

a tremer debaixo da cama.

Basta um ventinho  
para o constipar,  
um sopro fá-lo tombar.

Ah,  
mas em casa, sabes lá!,  
é rabugento, mandão,  
malcriado, retilão,  
protesta, berra, ameaça,  
nada à vontade lhe passa,  
despreza todos, ufano,  
grita ordens, não tem maneiras,  
ralha, insulta, bate o pé,  
dá murros, parte cadeiras...  
– É  
um verdadeiro tirano!

#### ELEGANTE MORENA

Coitada! O que eu te lamento!

#### ELEGANTE LOIRA

Se o visses, é um franganito  
sequinho, um carapau frito...  
Para o meu temperamento  
ardente como um vulcão!...  
À noite, após o serão,  
calcula, leva para a cama  
montes de livros para ler.  
E em vez de me aquecer,  
fazer carícias, dizer  
tontarias, coisas mansas,  
enfim... sabes... brincadeira...

– que é a obrigação de quem ama! –

dorme de costas voltadas

debaixo da travesseira!

*(Em confidência:)* Descobri praí um broto...

ELEGANTE MORENA

Ah sim? Castiga o maroto!...

– Oh filha, que infeliz és!

ELEGANTE LOIRA

Para que serve um marido

se não nos aquece os pés?

ELEGANTE MORENA

Há muito que não nos víamos...

Mudaste de penteado!

ELEGANTE LOIRA

É à Brigitte Bardot...

ELEGANTE MORENA

... que graça...

ELEGANTE LOIRA

Comprendes, sou uma mulher

intelectual...

ELEGANTE MORENA

Sim, tens um ar...

ELEGANTE LOIRA, *com vaidade*

... existencial?...

ELEGANTE MORENA

Dás mais nas vistas...

Trabalhas?

ELEGANTE MORENA, *mudando de tom, ar inspirado de génio,  
que lhe sai pelos cabelos que lhe tapam os olhos*

Sou

ar-  
tis-  
ta  
no-  
va  
va-  
ga  
Escul-  
po abstrac-  
to em bru-  
to pin-  
to sem  
pincéis  
nem ó-  
leo nem  
agua-  
relas  
nem  
tinta  
minha  
arte  
remon-  
ta à  
força  
da origem – inspiro-me no pensamento medieval Hotentote.

A cerejeira dá flores em cada Primavera. Abre o tronco ao meio e mostra-me onde estão as flores.

mp                    si  
 o   o                    ú   c  
 C   nho m            a  
  
 c   reta   que  
 o   c                    n   e  
       n                    ã   d  
                                   o   o  
                                   p

ser executada por nenhum instrumento presentemente existente.

lé   sso  
 A m di e  
       s  
       t  
       u                    n  
       d                    ê   c  
                                   i   i  
                                   o   c                    a  
                                   s                    s   o  
                                   a                    es

téricas que hão-de só elas libertar o mundo moderno.

O FUTURO virá do ressur

gimento da

ALQUIMIA

Pra                    menos  
   ti                    legó  
   co                    só pro  
   bu                    são  
 dis                    to  
 mo                    Is  
 tan                    tre  
   tris                    Sar  
   mo                    de  
   ju                    mo  
   do                    lis  
   e                    cia  
   yo                    ten  
   ga                    exis  
   e                    e

NA MYO  
 HO REN  
 GE KYO



Acima de tudo faço esforços desesperados para expandir os meus

instintos

perversos

e faço

versos

esdrúxulos

sem tom

nem rima

c

u

j

o

s

e

n

t

i

d

o

é

a

b

s

truso à inteligência mais fina

de duas mãos que

Todos ouvem o som

aplaudem mostra-me

o som de uma só mão.

ELEGANTE MORENA, *curiosa, excitada*

Ah, recita uma poesia  
qualquer, da tua autoria!

## ELEGANTE LOIRA, *concentrando-se, profunda e trágica*

Antes de recitar, para poderes perceber, é indispensável que te dê uma explicação em prosa, como acontece em toda a poesia da Escola Nova. Há uma guerra nuclear – toda a poesia que pretende ser moderna inclui forçosamente uma guerra nuclear que destrói o planeta. Salvou-se apenas uma tribo de canibais nas profundidades da selva africana. Numa manhã caiu um míssil em cima numa palhota; dentro do míssil só havia uma missionária anabaptista americana morta. Os canibais dançam um batuque à roda do chefe da tribo, enquanto ele come os miolos do cadáver – era, já se vê, um canibal intelectual. Ora a americana estava contaminada pelas radiações nucleares e o chefe da tribo sentiu horríveis dores.

É nesta altura que a minha poesia começa – é a invocação / do chefe canibal / para apaziguar a cólera da deusa branca / que, por vingança, / o castiga, / com tremendas dores de barriga.

*(Recita.)*

um Morcego vesgo arrancou-me a corda umbilical dum Olho  
Septicemia meu CANTO amarelo  
Falcão Imperial pairando sangue  
violaram-ME num Charco deslumbrante AMARELO  
sou a Deusa Grande Prostituta da Babilónia  
minha Espinha Dorsal se estende de Colares ao Kalahari  
meus Intestinos dão sete voltas ao Planeta  
SANGUE Au ro ra AMARELA  
re de mpç ão  
l e n t a m e n t e AMARELA  
N A D A ABSOLUTO

## ELEGANTE MORENA

São difíceis de compor  
esses versos geniais?

## ELEGANTE LOIRA

Num computador  
electrónico misturo  
uns pedaços de Epicuro,  
Perse, Yevtushenko, Filinto,  
Brecht, Osborne e Mendes Pinto...  
passos de qualquer autor  
ao calhar, depois agito –  
e o que sai é obra pessoal  
e original.  
*Suputo* que computo mil poemas por minuto.

## ELEGANTE MORENA

Temas tão vivos! tão novos!  
Tudo é amarelo, gemas!...

## ELEGANTE LOIRA

Também misturei nos poemas  
algumas receitas de ovos.

## ELEGANTE MORENA

É original a valer!  
E... fácil... de compreender!

## ELEGANTE LOIRA

É poesia cibernética  
– Arte Bruta – estereoscópica  
cinestética experimental poliglota *sonista*  
letrista táctil visual respiratória

num só verso e num só vocábulo  
entra todo o Universo Deus e o Diabo

#### ELEGANTE MORENA

A significação é imensa!...  
Estou siderada, suspensa...

#### ELEGANTE LOIRA

Minha obra prima – demiúrgica –  
é um poema que fiz  
sobre a operação cirúrgica  
valvotomia mitral *stenosis* –  
aí, sim, a inspiração paira magnífica!  
E então que atroz exactidão científica!  
Essa, porém, para a recitar – é poesia específica –  
preciso de sete altifalantes e quatro bisturis.

#### ELEGANTE MORENA, *embaraçada pela timidez*

Sabes que também eu cá...

#### ELEGANTE LOIRA

Ah, sim? Pois recita lá!

#### ELEGANTE MORENA

Não valem nada...  
Uma modesta tentativa...

ELEGANTE LOIRA

Filha! o que é que te intimida?

Vomita lá! Descontra-te!

ELEGANTE MORENA

*All right!*

É um poema que escrevi

logo depois que nasci.

*(Recita.)*

quem me empaca quem me emp

quem me enx

me desafina a band

quem me bate e s

t

m

b

e cat

e quando levanta o copo à glória

triunfal apenas z

URRA?

ELEGANTE LOIRA

É simplesmente notável

Urra! Urra! formidável!

ELEGANTE MORENA

Que tal achas? Com certeza...?

ELEGANTE LOIRA, *reservada*

Uma beleza!

ELEGANTE MORENA

Filha! Fala com franqueza!

ELEGANTE LOIRA

É a rima!... fico tolhida!

É a rima! rica!

Comprime a ideia

tortura, desfigura, tritura, desnatura.

A poesia arreia

e fica

gnomítica, eclíptica, paralítica, traquítica!

ELEGANTE MORENA

Achas as rimas em *urra*

talvez pouco musicais... ou tristes?

ELEGANTE LOIRA

É que hoje a rima só se emprega já na prosa!

ELEGANTE MORENA, *mudando de assunto*

Improvisa qualquer coisa!

ELEGANTE LOIRA, *logo pronta*

Já que tu tanto insistes!...

*(Entra em transe. Os gestos agora são indescritíveis, desde a posição do feto àquela que o produz.)*

F O G O ! ! !      Yuki      Cri      Zimi      Dawn  
Arbre                      Sterne                      N iebla                      pulchra  
Yu - shu                      Vada                      SORA                      Morgenshein  
Mulier    Miragen    Muinda    Milagre    Montania    Matinale  
   qririm                      qriram                      qrirum

GIL VICENTE

A isso chamam poesia  
hoje em dia?  
Como é que alguém tenteia  
pôr emoção, luz, poesia,  
estilo nobre e composto  
nessa solta diarreia  
de palavras, em que apeia  
todo o som, sentido e gosto?

ELEGANTE LOIRA

Como? Quem?  
– Todo o poeta que acata  
que a beleza hoje é possível  
só na construção abstracta  
e na frase incompreensível!

GIL VICENTE

Não me digais  
que a Língua Portuguesa não amais!

Língua de homens e deuses, nasceu sobre as vagas do mar largo  
e guarda ainda a violência e o sabor amargo  
das tempestades e bulhões, pragas de marinheiros  
e o alvoroço a gritar *Terra!* dos gajeiros;

e murmura também doces preces e adágios  
de homens perdidos, aflitos em naufrágios.  
Nasceu no largo mar, nasceu na terra estreita,  
a navegar e a lavrar e a cantar na colheita.  
Foi-a talhando o Povo no trabalho dos mesteres, nos seus amores e nos seus jogos,  
e a pena do Escritor desbravou-lhe asperezas, poliu veios, floriu-a de mil modos.

Traz perfumes de flores e de frutas maduras  
e soa às vozes bravas dos ventos nas selvas escuras  
ou das amenas brisas na tarde mansa ao pôr do sol.  
Vozes de viandantes a caminhar no ermo da serra, de cantos de água e rouxinol  
Vozes da madrugada e da noite, vozes dos animais no rumor amigo das aldeias  
Vozes dos campos verdes, de remansos no rio e dos encantos das sereias  
Vozes das árvores, das pedras, das searas a ondular, da chuva e das ervas mansas  
Vozes sagradas dos sacrifícios e da fala sem pecado das crianças  
Vozes do vinho, das saúdes, da alegria das festas, dos cantares  
Vozes do Povo, salgadas de humor, de bondade, de ditos lapidares  
Vozes do trabalho, do trabalho suado, puxado, cruento  
e do sofrimento, do sofrimento, do sofrimento.

Todas as Vozes do Mundo ela guardou, vetusta e nova,  
do embalo celestial do berço ao último adeus da cova  
desde o balbucio ingénuo dos trovadores medievos  
aos poemas incônditos dos poetas coevos.  
Os antigos louvaram a sua grave brevidade  
e nela talharam as clássicas estátuas do amor e da saudade.

Que fareis Vós dos seus tesoiros amontoados  
por grandes Poetas, facundos Capitães, Rebeldes, Pregadores, Génios incultos

[e ignorados

que na meditação, no amor, na esperança e na bravura  
forjaram o seu brilho e casta de oiro e pedra dura?



Amái a Língua Portuguesa, que ela nunca seja pouca  
luz para a vossa alma, pão para a vossa boca!

#### ELEGANTE LOIRA

A língua evoluiu, é nova e livre, desfraldou voos universais.  
Lembraí-vos que chegámos à Era em que até as cadelas fazem viagens inter-siderais.  
A tua poesia... não te quero afligir...  
mas os teus Autos há muito já que a Escola Nova  
os enterrou numa cova.

#### ELEGANTE MORENA, *rindo*

Ao menos para a gente rir  
mostra-nos lá uma prova.

#### GIL VICENTE *recita com ardor e encantamento*

Deixa nos beijos o sabor do mel bravio  
de fruta fresca, água da fonte, pão do forno,  
e esparze aromas vírgens de rosais no estio  
dizer teu nome com candura, sem adorno.

Nas serras e pinhais, longe do mar, sombrio  
brada o vento salgado, e o homem dobrado em torno  
do arado, ao recordar, ergue a frente com brio,  
que teu nome do mundo abriu todo o contorno.

Bafo da terra, luz do céu, ar do infinito,  
não bastam para inscrever, no teu destino fundo,  
teu nome ardente, vasto, humano, matinal.

Só eu, pobre sem ti, trabalho no granito  
do teu corpo, viril no meu amor profundo,  
posso inteiro abarcar teu nome – Portugal!

ELEGANTE LOIRA, *depois de um longo silêncio, hesitante*

Na conjuntura o parâmetro exigia...  
porque o seno e cosseno da poesia... (*Depois, definitiva:*)  
– Não!  
eu cá não gosto da prédica!

ELEGANTE MORENA

Nem eu, mas tem patine, sabe a arcaico, tem montes de ralé, montes de pó...

ELEGANTE LOIRA

O soneto está morto e a bomba nuclear matou a métrica.  
Fez-lhes há muito o enterro meu avô.

GIL VICENTE

Talvez gostem mais de ouvir  
um poema modernista  
que ontem tentei redigir.

ELEGANTE LOIRA

Oiçamos lá o versista!

GIL VICENTE *recita com humor*

de altos planaltos basaltos  
bacantes de diamantes coruscantes

imperiais firmais  
diuturnas urnas  
esmeraldas grinaldas de *galbas* albas  
tesoiros de oiros que aos vindoiros  
em trunfos e mil triunfos  
proclama a fama e a história glória  
– louvores excelsos e sem preço  
brilham no pedestal dum estátua famosa e celebrada  
que tem o coração de gesso  
e os testículos de marmelada

#### ELEGANTE LOIRA

Oh, sinto-me entontecida...

#### GIL VICENTE

Talvez lhe pareça...  
frescote... um pouco atrevida?

ELEGANTE LOIRA, *levando a mão à cabeça*

Não! deu-me a volta à cabeça...  
Tanta rima repetida!

#### ELEGANTE MORENA

Conhece o sujeito dito  
do monumento descrito?

#### GIL VICENTE

Toda a gente o conhece no País: – Estatuado em vida, pontifica e prepondera  
É um poço do saber convencional

que a Pátria cobre de glórias e de virentes loiros  
Foi proclamado membro emérito de todas as Academias  
nas solenes sessões e nos oficiais banquetes é-lhe devida a presidência  
Compor consegue os discursos mais formosos  
– que todos os jornais reproduzem na íntegra em ramalhetes de ditirambos

[enquadrados –

sem que uma ideia uma só apareça  
a embaciar a sonoridade da sua frase musical de gongóricos enfeites  
Magnífico doutoral com estudadas poses majestosas  
pompeia com rara elegância e profunda gravidade  
No lugar comum é verdadeiramente sublime  
É autor de bonitos volumes onde sobre o rico papel *couché*  
alagam epidemias de palavras  
Entre os selectos pares seus de egrégia estirpe  
prima em saber ornar da clâmide do gesto nobre e austero aspecto  
a pomposa frase que crassa banalidade  
na boca do infame vulgo apenas fora  
Para galardoar o seu imenso talento  
concedidas lhe foram as supremas condecorações da República  
e homenagens e preitos mil sobre o seu ínclito e vasto peito chovem merecidas  
Foi feito presidente das mais importantes companhias  
e de numerosos (e por casual coincidência pingues) lugares oficiais eminentes  
Quando um dia algum obscuro professor dado a investigações extravagantes  
descobrir o atroz vazio  
do seu crânio  
os vermes tê-lo-ão já consumido  
e o Grande Homem  
repousará no ultrajante oblívio  
Desse modo as gerações vindouras farão justiça à sua mais genuína qualidade  
– a M e d i o c r i d a d e .

ELEGANTE LOIRA, *superior*

Mas isso é um poema épico! (*Um tempo.*)

Desprezo, por princípio, as gerações passadas,  
quer subam o Chiado de monóculo, quer já estejam enterradas.

Para mim, o mundo é um pote  
onde Dali faz pintura c'o chichi da Nathalie Sarraute.

ELEGANTE MORENA

E o Picasso – *quelle histoire!* –  
faz colagens calisténicas  
com as *serviettes* higiénicas  
da Simone de Beauvoir!

GIL VICENTE, *associando-se à brincadeira, improvisa*

Também o Almada *Negreiro*,  
que é dos nossos o primeiro,  
açorda tintas à toa  
em cortagens estupendas  
com os *soutiens* de rendas  
das flausinas de Lisboa.

ELEGANTE LOIRA, *que começa a admirá-lo*

Você tem centelha... mas  
não sei... não me satisfaz.

Não tem nada mais actual?

ELEGANTE MORENA

Mais livre e figurativa...?

GIL VICENTE

É a última tentativa  
– esta Ode Triunfal.

«Ode aos Novos Cavaleiros»

Cavaleiros do Espaço – eu vos saúdo!  
Vós que largais em mísseis como a luz velozes  
À descoberta dos mistérios auspiciosos onde fulgem flores de constelações  
Grimpando às cristas do futuro com indómita coragem igual  
À daqueles que o mar ignoto abriram e rasgaram continentes virgens  
Irmãos – eu vos saúdo!

Às fontes do Desconhecido ides encher as ânforas pela sede do valor sagradas  
Abrir as portas dos enigmas Violar o segredo perturbante dos oráculos  
Gravar eternas inscrições sobre as coisas perecíveis  
Em deuses transfigurados caminhais no porvir  
As mãos cheias de estrelas e na fronte inscrita  
A Palavra que só homens ainda não nascidos trarão o dom de soletrar  
Irmãos Descobridores – eu vos saúdo!

Que força Nos animou e Vos anima?  
Dizei-me que vocação arroja os homens aos caminhos iniciáticos da aventura?  
Ao encontro das grandes profecias  
Nas planícies majestosas de cristal e sombra onde florescem os grandes perigos?  
Que mistério treme nas vossas mãos portadoras do fogo sacro dos augúrios?  
Longe das pedras lares que grandes prodígios vereis  
Desabrochar nas praias lúcidas onde brilham outras Idades?  
Irmãos dos Imortais – eu vos saúdo!

Do fundo dos séculos eu aplaudo o vosso Feito  
Que vale o timbre augusto do bronze prestigioso que consagra  
O universo feliz todo iluminado e de portas abertas  
– Eu te saúdo ó Era das Novas Descobertas!

ELEGANTE LOIRA, *aprovativa, dá-lhe um beijo entusiástico*

Desse gosto! *Bestiais!*

ELEGANTE MORENA, *batendo as palmas*

Bravo! Sim! Também aprovo!

GIL VICENTE, *beijando as mãos a ambas*

Até que enfim, que gostais!

Custa, voltar a ser novo!

*Gil Vicente afasta-se com uma vénia galante.*

ELEGANTE MORENA, *íntima*

Coitado!... Mas tu!... Banzada!...

E eu que ignorava, querida,  
que eras assim tão dotada!

ELEGANTE LOIRA

Por isso sou  
desgraçada  
de todos  
incom-  
preendida!

ELEGANTE MORENA

E teu marido, o que diz  
a essa literatura toda?

ELEGANTE LOIRA, *genial*

Meu marido é um medíocre  
que não compreende a minha obra.

ELEGANTE MORENA

Ao menos trata-te bem?

ELEGANTE LOIRA, *queixosa*

Sabes lá! Dá-me *visions*,  
arminhos, jóias, baixelas...  
– mas eu só vivo para o espírito  
desprezo essas bagatelas!  
Compra-me carros de *sport*  
e palácios na Riviera  
e outras que tais ninharias...  
(*Dramática:*) Oh, que asfixio  
de incompreensão!  
Ai a sina dos artistas  
e dos poetas  
no mundo capitalista!  
– Aí tens a tragédia pavorosa  
e a razão  
por que sou tão desgraçada.

ELEGANTE MORENA

Coitada!...  
De nada serve a riqueza...



ELEGANTE LOIRA

Odeio o luxo, o conforto...

ELEGANTE MORENA, *sem crer no que diz*

De nada valem ao cabo...

ELEGANTE LOIRA

Quem me dera vê-lo morto  
e encomendá-lo ao diabo!

ELEGANTE MORENA

Afinal...  
nossa sorte foi igual.

ELEGANTE LOIRA

Nosso destino assim posto...

ELEGANTE MORENA

Esta vida é só desgraça...

ELEGANTE LOIRA

E cansada...

ELEGANTE MORENA

Porque os não pomos em praça?

ELEGANTE LOIRA, *subitamente animada*

Vamos trocá-los na Feira!

ELEGANTE MORENA, *saltando de contente*

E escolher outros a gosto!

ELEGANTE LOIRA, *olhando para o lado vê o Anjo e diz-lhe:*

Olá!

Que vendeis Vós nesta Feira?

ANJO, *solicito*

Para vós, Senhora minha,  
juízo e bom senso igual,  
um bom livro de cozinha,  
uma vassoura e um dedal.

ELEGANTE LOIRA

Ó que coisa tão banal!  
Tendes aí a maneira  
de escrever um best-seller?  
Yé-yés? Beatles? Chá-chá-chás?  
Discos clássicos de jazz?

ELEGANTE MORENA

Ao menos há-de  
ter romance policial...?

ELEGANTE LOIRA, *escarnecendo do Anjo*

Já leu os livros de Sade?

*O Anjo, escandalizado, sai.*

*Enquanto as duas Elegantes se afastam, chegam os respectivos maridos, um Alto, outro Baixo.*

MARIDO BAIXO, *muito snobe, muito pipi*

Que azar!

Descobri

que embirro com mulheres loiras

só depois de me casar!

MARIDO ALTO, *languirão, fadista, em blue jeans,  
muito ar de «boas famílias» a resvalar para chulo*

Estou farto da minha, Zinho,  
– a princípio era um anjinho,  
doce, calada, discreta,  
trabalhadora, quieta...  
até me apanhar na malha...  
casou, mudou do avesso,  
pôs-se de barriga para o ar,  
não mexeu mais uma palha.  
E é duma estupidez crassa.  
Não toca numa panela,  
passa os dias à janela  
a espreitar quem vai na praça.

MARIDO BAIXO

Dizem que tem muita massa...

MARIDO ALTO

Pois se o carcanhol não fosse,  
não casava eu com ela,  
feia, já velha e zanaga.

MARIDO BAIXO

Chá de arsénico prà tosse...  
of course!  
É tempo de lhe dares alta...

MARIDO ALTO

Lá vontade não me falta.  
Mas antes... quero o caroço...  
Ando a ver se a convenço  
que me faça testamento...

MARIDO BAIXO

Depois torces-lhe o pescoço...

MARIDO ALTO

É o que merece! É uma beata!  
Não pode viver sem terço,  
sem novena e sem sermões,  
passa a vida em procissões  
e a entoar o bendito,  
nunca sai da sacristia,  
ouve três missas por dia,  
faz trinta jejuns por mês.  
Não larga o confessional.

No tempo das endoenças  
não chego a pôr olho nela,  
toda a santa noite vela,  
não sai de ao pé dos altares.  
A conversa dela é estolas,  
cruzes, cibórios, magnificats,  
santos, imagens, relíquias,  
círios, hóstias, castiçais.  
Só em ceras e medalhas  
gastou-me bem à vontade  
o valor de dois casais,  
a excomungada!  
E imagina  
tanto se encharca em água benta  
chega a ficar constipada!  
E então má-língua!  
Põe a boca em toda a gente:  
uns, que são ricos demais,  
com tanto luxo que ofende,  
e que a mulher não é séria  
e não comem pra poupar,  
não fazem bem à miséria,  
andam sempre na igreja,  
são falsos e maus cristãos;  
outros, que comem demais  
e só vivem de calotes,  
e o marido parte os dentes  
à mulher, e são doentes  
contagiosos  
e a filha anda atrás dos homens,  
e que o filho é um vadio  
que nunca sai da taverna,

e nunca entram na igreja  
e são todos uns hereges  
que vão assar para o inferno.

MARIDO BAIXO, *em confidência*

Descobri pra aí um broto...

MARIDO ALTO

Atira-te! Seu maroto!

MARIDO BAIXO

Queres tu fazer um negócio  
– vamos fazer uma troca?

MARIDO ALTO

Não ias mal aviado!

MARIDO BAIXO

A minha, essa nem te falo  
– só de a trazer a meu lado  
me envergonho.

*She is absolutely shocking!*

Primeiro, não sabe andar...

MARIDO ALTO, *entendido*

Pra andar bem são as francesas...

MARIDO BAIXO, *o olho lúbrico aceso*

Oh, essas...

Depois não sabe falar

*comme il faut*

a pessoa titular

em coisas de... circunstância...

Não sabe comer à mesa

nem estar em sociedade

*with the very best people*

com a devida... elegância.

É uma calamidade!

*C'est navrant!*

Vou-a vestir ao Dior,

perfumá-la no Balmain,

mando-lhe vir os *soutiens*

do Faubourg Saint Honoré;

as jóias, todas de Burma,

só mete o pé

em sapatos de encomenda

feitos nos Champs-Élysées.

*The very best!*

Compro-lhe só do mais chique,

do que há mais caro no mundo.

Pois sabes tu o que faz

de todos estes primores?

– Horrores!

Os sapatos ao segundo

dia já estão cambados,

os vestidos já rasgados,

casacos de peles, pelados,

os cabelos desgrenhados,

os *soutiens* estão imundos,

nauseabundos de suar,

toda ela um chumaço,  
um calhamaço,  
uma ostra, sostra,  
uma coruja, caramuja,  
que dá nojo só de olhar.  
– *You just cannot imagine!*  
Traz-me a casa sempre suja,  
nunca está à mesa a hora,  
e então, agora,  
meteu-se-lhe na cabeça  
que é um génio...  
deixou crescer os cabelos.  
Não calculas, faz-me engulhos...  
Se esculpe,  
enche-me a casa e jardim  
de pedregulhos;  
se pinta,  
não há tinteiro de tinta,  
sapatos, farrapos, cacos,  
tarecos, lecas e mecas  
rabo de gato,  
pele de cobra,  
objecto,  
que lhe não sirva para o quadro,  
e se descuido as cuecas  
vou encontrá-las na obra.

## MARIDO ALTO

Manda-a à *merde!*  
O remédio que nos resta  
é feirá-las nesta Feira.



## MARIDO BAIXO

Para encontrar melhor besta  
será empresa  
bem fácil e prazenteira.

*Gil Vicente adianta-se e faz sinal às Figuras que até agora falaram para se afastarem, e convida as Figuras da cena seguinte a avançarem para o centro do palco.*

## GIL VICENTE

Para dizer a tristeza,  
para o rir, para o amar,  
não há como a singeleza  
duma quadra popular.

*Vêm cantando e saltando as fogueiras de S. João uma Lente da Universidade de Coimbra, de borla e capelo, que persegue apaixonadamente um Soldado de cavalaria, que persegue uma Lavadeira do Choupal, que persegue um Caloiro, que por sua vez persegue com paixão a Lente.*

*Pelo brio, vivacidade e lusitano garbo desta «marcha» popular, vê-se logo que é esta a contribuição, única, que Portugal enviou à Grande Feira do Mundo.*

## TODOS, *cantando e bailando*

São João, São João pra ver as moças  
Ai fez um chafariz na Praça (*bis*)

Ai as moças não vão à fonte  
e São João todo se mata (*bis*)

*Quando acabam todos de cantar, em coro, a Lavadeira destaca-se do grupo e canta, a solo, a seguinte quadra popular, enquanto vai lançando olhares incendiados*

*ao Caloiro, que lhe volta as costas para lançar olhares idênticos à Lente, que faz o mesmo ao Soldado, que olha langorosamente a Lavadeira.*

### LAVADEIRA

Tenho na minha janela  
tulipas até ao chão;  
ao ver-te falar com outra,  
são facadas que me dão.

### LENTE, *correndo atrás do Soldado*

Que homem tão belo! e tão forte!  
Espera por mim! Espera!  
fero filho de Mavorte!  
vou dizer-te o que assevera  
a escola de Pitágoras,  
Anaxímenes e Anaxágoras  
sobre o amor...

### SOLDADO, *fugindo-lhe*

Só me faltava esta albarda!  
O estupor  
já vem desde o Calhabé  
atrás de mim, não me larga!  
esta chata!  
*(Para a Lavadeira:)* Ó minha camélia branca!  
Sabes quem é  
que me seduz e me encanta?  
e de tanto amor me mata?

LENTE, *continuando a perseguir o Soldado*

Deixa-me aqui ensinar-te,  
ilustre filho de Marte,  
o que dizem a respeito  
do amor  
Plotino, Plauto e Platão... (*Com exaltação:*)  
Meu Deus! que homem tão bem feito!

SOLDADO

E não me larga, o canhão!  
(*Para a Lavadeira:*) Esta noite  
quando o luar de prata  
entrar na tua janela  
irei ver-te, minha bela,  
cantar-te uma serenata.

LENTE

... Lucrécio, no *De Rerum*  
*Natura*, Ovídio e Salústio (*Embevecida:*)  
(que encantadora candura!)  
discutem o silogismo  
cuja premissa maior  
é o corolário...

SOLDADO, *dando um beliscão à Lavadeira*

Quando te abres, meu sacrário?

LENTE

... Eu, porém, quanto a mim, acho...

SOLDADO, *para a Lente*

Vá lá dar aula aos meninos!

LENTE, *com paixão*

Oh que beleza de macho!  
Que tornozelos tão finos!!!

LAVADEIRA, *à qual o Soldado deu outro beliscão*

Eh, tu, queres largar-me a porta?!  
Eu não estou alodial!

SOLDADO

Vi-te lavar no Choupal  
e a minha alma ficou morta  
de paixão!

LAVADEIRA

Vai-te daí, empadão!  
*(Para o Caloiro, dengosa, toda amor:)* Ó doutor!  
Mas que bonito vem hoje!  
traça essa capa a primor...  
esses cabelos à brisa...  
os punhos dessa camisa... *(O Estudante ensaia o Ai dum fado.)*  
Que voz quente! de contralto!  
que corte de colarinhos!...

CALOIRO

Não venhas fazer-me olhinhos!

Pus o coração mais alto... (*Deita o olho amoroso à Lente.*)

LAVADEIRA

Venha esta noite ao meu quarto,

quero dizer-lhe um segredo...

CALOIRO

Tenho medo

que venham a descobrir.

*LAVADEIRA, trocista, mas em fogo*

Se soubesse o que vai ouvir...

*CALOIRO, indirectamente à Lente, num olhar apaixonado*

Aquela que eu amo é deusa

da luz e sabedoria.

A sua alta inteligência

abarca toda a ciência,

a sua palavra é de oiro.

Ao pé de tal eminência

só me pesa ser caloiro.

*SOLDADO, passando a mão pela Lavadeira*

És uma brasa!

LAVADEIRA *repele o Cabo e diz ao Caloiro:*

No fim do mês de Novembro  
tenho de mudar de casa:  
estou à espera de que o governo  
de Coimbra a Cidade alta  
acabe de deitar abaixo  
pra de novo edificar.

CALOIRO

Esperarás mais de cem anos...  
(*Para a Lente:*) Amor... sofrimento... espinho...

SOLDADO, *para a Lavadeira*

Ó flor dos meus desenganos!  
Pedaço de mau caminho!

LAVADEIRA, *para o Caloiro, ardente*

Ó delícias de quem ama!  
Deixas-me até lá ficar  
a dormir na tua cama!

CALOIRO, *voltando as costas à Lavadeira*

Tende piedade, Senhora,  
de quem triste se lamenta  
e só tem voz  
pra exaltar vossa virtude.  
Desde que vos vi, não pude  
mais do que pensar em vós.

Estou a perder a saúde  
e a descuidar a Sebenta.

Ó Minerva!  
Ó sapiência soberba!  
Para vós não há mistérios,  
sabeis de cor os romanos,  
egípcios, gregos, troianos,  
ameríndios e sumérios...  
Assur, a história de Creta...  
Que saber vasto e profundo!...

LENTE

Apanhas um grande chumbo  
se me não largas, pateta!

*CALOIRO, dramático, como todo o que sofre*

Quanto me fazeis sofrer!

LENTE

Olha a cabra a badalar,  
são horas de recolher,  
as trupes vão-te rapar!

*Aparece o Anjo, que diz à Lente:*

ANJO

Senhora Doutora, posso  
vender-vos pudor e fé,  
dignidade e compostura?

Iriam tão bem ao pé  
do profundo saber vosso,  
da vossa vasta cultura!

LENTE, *frívola*

Tem minissaias?  
Berloques? Colares? Anéis?  
Perfumes? Cintas? Cambraias?

ANJO

É o céu e a salvação...

LENTE, *interrompendo-o*

Ah, com isso não  
vos incomodeis!  
Tem *soutiens*? Meias de *nylon*?  
Não tem camisas de noite?  
E *rimmel*? Não tem *bâton*?  
Robes com grande decote?  
Vede ao menos se arrançais...  
Vinde aqui à puridade... (*Diz-lhe baixo ao ouvido:*)  
– Queria dessa novidade...  
sim... anticoncepcionais!

*O Anjo afasta-se da Lente ofendido e dirige-se ao Soldado.*

ANJO

Pra ti, herói esperançoso,  
a altos feitos reservado,  
tenho honra, bravura e brio.



## SOLDADO

Estou ansioso  
por ser promovido a alferes.  
Se vendes galões doirados,  
promoções, louvores a fio  
e um rico casamento  
com prédios de rendimento,  
tens freguês.

*O Anjo fala ao Caloiro:*

## ANJO

E tu, que és a luz futura  
da nação, queres-me comprar  
talento e sabedoria?

## CALOIRO

Olha aqui! O que eu queria  
era cunhas de arrombar  
pra tirar a formatura,  
e depois ter um viveiro  
de empregos  
onde sem mexer um dedo  
e de papo para o ar  
ganhe rodos de dinheiro.

*O Anjo fala à Lavadeira:*

## ANJO

Ao menos vós, que sois pobre,

quereis seriedade e modéstia  
me comprar?

#### LAVADEIRA

Queria passar por honesta  
para me poder casar.  
E queria mais  
uns firmais  
antigos pra pôr no peito,  
um casaco de astracã  
sapato e mala de pele  
de crocodilo  
e um anel  
com um diamante de quilo.  
Queria também  
tudo aquilo  
que usa caber a preceito  
a uma senhora de bem.

#### ANJO

Senhora minha, deixai  
esses luxos e a vaidade  
que do inferno traz o intento;  
térreas pompas desprezai  
com virtudes preparai  
vosso eterno salvamento.

#### LAVADEIRA

Dizem que há aí um doutor  
na Cidade,  
que tem a forma perfeita

de repor  
a virgindade.

Vendeis vós essa receita?

*O Anjo desaparece, triste e pesaroso.*

*O Soldado pega numa guitarra e canta o seguinte romance popular, que corre oralmente em Trás-os-Montes conhecido pelo «Romance de Soldadinho»:*

«– Que é que tens, ó soldadinho,  
Que andas tão triste na guerra?  
Ó te morreu pai ou mãe  
Ó gente da tua terra.»

«– Nem me morreu pai nem mãe  
Nem gente da minha terra,  
Só me lembra uma menina,  
Que a deixei e vim prà guerra.»

«– Se tu a queres ir ver  
Sete anos te darei.»

«– Ao cabo de sete anos  
Soldado cá voltarei.»  
Ele desde que isto ouviu,  
O seu cavalo montou.  
Chegou a meio caminho,  
Seu cavalo se espantou.

«– Não te espantes, meu cavalo,  
Não te espantes ora aqui,  
Quero ver a minha amada,  
Há muito que a não vi.»

«– Tua amada já é morta,  
Já lá vai para o Bonfim.»

«– Diz-me o traje que levava  
para m’eu fintar em ti.»

«– As meias eram de seda  
O vestido de cetim

O cinto que a apertava  
Era de ouro e marfim.»

*Enquanto canta, o Soldado vai fazendo olhos doces à Lavadeira, que repele com vários sinais os seus galanteios.*

SOLDADO, para a Lavadeira,

Podia cantar-te, ó bela,  
dias e dias a fio.

LAVADEIRA

Não me apanhas na esparrela  
estás a perder o feitio.

*CALOIRO, pinga-amor, lança-se de súbito aos pés da Lente, de joelhos*

Cruel! que assim me feris!  
As setas que despedis  
e fazem meu desespero  
eu espero...  
Tudo de vós minha alma acata!

*LENTE, furiosa contra o Caloiro*

Vou-te já marcar um zero!  
Não te salvas duma gata!  
*(Volta as costas ao Caloiro, e a sorrir, sedutora, para o Soldado:)*  
Tenho horror a intelectuais,  
são todos degenerados  
e impotentes.  
Adoro a força dos músculos!  
Gosto dos homens valentes,

bem abonados, maiúsculos,  
machos dos quatro costados!  
*(Procurando seduzir o Soldado:)*

O que me enlouquece e atiça  
é um homem como tu...  
*(Respirando-o todo:)*

Que odor a cavaliariça!

*SOLDADO volta as costas à Lente, para a Lavadeira*

Cá por mim,  
Quero uma mulher como esta,  
que seja meiga e honesta  
e ignorante  
sem saber falar latim.

*LAVADEIRA, repelindo-o*

E eu detesto militares,  
quero um homem bem falante,  
que diga bonitas frases,  
seja distinto e estudante.

**CALOIRO**

A mim, não me há-de levar  
aí qualquer mulher vulgar  
de falar rude e singelo.  
A mulher que eu escolher  
há-de saber discorrer  
e usar borla e capelo.

*Nesta altura estão todos de costas voltadas uns para os outros, zangados. Gil  
Vicente adianta-se e vem harmonizá-los.*

GIL VICENTE

Oh humano desconcerto!  
volúvel e caprichoso!  
e tão incerto!  
Grande juízo insondável!  
Ó divino pensamento  
que consegues a harmonia  
universal  
de maneiras tão diversas  
e por caminhos tão vários  
alcanças o mesmo intento!

Que o homem de procurar  
nunca se canse!...  
De todos que aqui chegaram  
cada um alhures procura  
a ventura  
e nunca se contentaram  
com o que têm ao seu alcance!  
Vou dar-vos, pois, um remédio  
que contenta insatisfeitos  
e aos transviados conduz,  
aos que são cegos dá luz,  
rejeitados faz aceites.  
A infelizes dá bonança  
e aos exaltados serena,  
aos condenados tira a pena  
e aos desesperados dá esperança.  
É o remédio da Razão  
que cura todas as dores  
e suprime os males maiores  
com a paz do coração.

*Gil Vicente fecha, com uma grande chave, as portas da Barraca do Amor, faz afastar as Figuras, que representaram até agora, para o fundo do palco, e vai abrir a Barraca do Poder.*

## **SEGUNDO ACTO**



## P O D E R

*Vem o Ministro da Pluma, seguido dos seus turibulários, que lhe abrem caminho, dobrando-se em profundas vénias, às quais o Ministro é indiferente. O Ministro tem um ar muito grave e muito digno e um fulgor levantino. Enverga vestiduras principescas, cobrindo-se de um manto de seda e oiro flamejante, na cabeça um chapéu de pele de leopardo adornado de rutilantes plumas de várias aves.*

MINISTRO, *augusto*

Oh que maçada nefanda!  
Sem mim, o País não anda!  
Ontem fui fundamentar  
a pedra prima basilar  
do maior monumento nacional.  
Hoje, venho inaugurar  
um Quiosque  
– com toda a solenidade  
e uma eloquência inaudita.  
Mas um Quiosque excepcional  
onde só por dois ceitis  
pode ir comprar a Cidade  
o pensar oficial.  
– Se eu próprio não inauguro  
não existe no país  
ninguém que faça o discurso  
e saiba cortar a fita.

1.º FUNCIONÁRIO, *jovem, tremendo de admiração e adulação*

Rendo profunda homenagem  
à visão vasta, à sapiência

sem limite, à proibidade,  
à luminosa inteligência!

2.º FUNCIONÁRIO, *de meia-idade, de joelho em terra*

Deixa prostrar-me a teus pés,  
paraninfo de virtudes!

3.º FUNCIONÁRIO, *de cabelos brancos, distinto, perfeito na lisonja*

De todas as latitudes  
luminar, prodígio és!  
Tão novo e tanta sentença  
em tão pequena cabeça!

MINISTRO, *animado e inchado ainda mais pelos aplausos dos cortesãos*

A pátria ingrata nunca pagará  
o que me deve, em honra, em oiro, em glória.  
Porém, meu nobre exemplo guardará,  
em letras de oiro, para sempre, a História:  
o sacrifício e alta visão que já  
transcende toda a pristina memória.  
Que a meus pés o país se prostre ovante  
Não será ainda gratidão bastante!

2.º FUNCIONÁRIO

Que inteligência fulgurante!

1.º FUNCIONÁRIO

Que génio sem proporções!  
É um prodígio desde o berço!

### 3.º FUNCIONÁRIO

E que dotes para o verso!  
Mais sublime que Camões!

2.º FUNCIONÁRIO, *com uma vénia profundamente copta*

Oh quanto prazer me dá  
ver tanta auto-suficiência!  
tão imponente importância!  
E essa pomposa abundância  
de doutorícia, bem-pensância,  
dominante pesporrência!

1.º FUNCIONÁRIO, *entusiasmado*

Que grande exemplo, meu Senhor, servis  
à pequena gente deste país!

3.º FUNCIONÁRIO, *em mística exaltação tântrica*

Pontificai, Excelência, mostrai-vos catedrático!  
Devíeis ser mais enfático!  
intransigente, dogmático!

MINISTRO, *tirando o imponente chapéu, num gesto soberano*

Sabei que escondo, por modéstia em excesso, minha alta doutorice...

1.º FUNCIONÁRIO

Oh, confundi, Senhor, arrasai a nacional paspalhice!

MINISTRO

Acato a opinião do meu maior inimigo.

Sou duma tolerância absoluta.

– Mas não será permitido  
que a verdade no que eu digo  
seja objecto de disputa.

1.º FUNCIONÁRIO

É um caso de directa inspiração do Céu!

2.º FUNCIONÁRIO

Que sageza! Causa espanto!

3.º FUNCIONÁRIO

Génio extremo, singular!

MINISTRO

E que culpa tenho eu  
que o País me admire tanto?

OS TRÊS FUNCIONÁRIOS, *em coro*

E muito mais tem ainda para admirar!

GIL VICENTE, *adiantando-se com um sorriso irónico*

O fulgor excepcional  
do vosso saber profundo  
e o génio com que geris

e ilustraís o país,  
a imprensa nacional  
já os pôs a correr mundo.  
Senhor Ministro,  
em que vos posso servir?  
Que vos dignais desejar?  
de tudo que estou feirando?

MINISTRO, *peremptório*

M a n d o!

GIL VICENTE

Eis aqui a vosso contento  
leis, decretos, portarias  
– bem compostas, mas vazias  
de efeitos – regulamentos,  
rescritos, despachos, ordens,  
determinações, acórdãos...  
e alguma medida prática  
e de utilidade pública  
– toda a sorte de invenção  
pra manter em vossa mão  
o surgimento da pátria  
e a salvação da república.

MINISTRO

Dai-me aí dez mil decretos  
capazes de reformar  
o país à minha imagem,  
mais trinta mil leis que apliquem  
ao povo as minhas verdades

e de tal forma o conformem  
que ele só possa ser feliz  
ao cumprir minhas vontades  
e prestar-me vassalagem.

GIL VICENTE

Que quereis mais?

MINISTRO

Me façais folhas inteiras  
de elogios nos jornais.

GIL VICENTE

Tê-las-eis.  
Que mais quereis?

MINISTRO

O silêncio sepulcral  
sobre todo o meu inimigo.

GIL VICENTE, *irónico*

Muito bem, é merecido.

MINISTRO

Um mar de aplausos e hossanas  
e que as multidões aclamem  
e gloriem minha obra.

GIL VICENTE

Tereis aplausos de sobra  
Mais nada, Vossa Bondade?

MINISTRO

O peso da autoridade  
o julgamento infalível  
o respeito indiscutível  
reputação intangível  
primazia bem visível  
sobre o mais só seja crível  
única – a minha verdade!

GIL VICENTE

Vossa verdade faz prova  
– em correcta edição nova –  
proclamada nos jornais.  
Nada mais?

MINISTRO, *agora tímido e embaraçado*

Algum charme... e galanteios...  
um encantar com enleios  
e maneiras bem falantes  
para as damas seduzir  
e o que com elas faz cumprir...  
como o melhor dos amantes.

GIL VICENTE

Recebereis disso que farte.

MINISTRO, *exibindo-se, o longo manto estendido e resplendente*

Admira-me esta figura!  
o garbo, o requinte, os modos  
distintos, de alto quilate...  
Tenho elegância, formosura –

GIL VICENTE

– e um riquíssimo alfaiate!

MINISTRO

Vem de além dos ostrogodos  
meu brasão e armoriais –

GIL VICENTE

Já a mania! (*Pausa. Secamente:*)  
Alguma sabedoria  
desejais?

MINISTRO

Não vejo necessidade!  
Sem ela  
consegui fazer carreira.  
Além de outras numerosas  
tenho a grande qualidade  
neste país preciosa:  
– poder de improvisação!  
De feito  
que com meia bola e força  
faço milagres a oito



que espantam toda a nação

*(Pavoneando-se:)*

Sei tudo!

## VOZES DOS FUNCIONÁRIOS

– Admirável! Sabe tudo!

– Sua Excelência sabe tudo!

– Prodigioso! Sabe tudo!

GIL VICENTE, *com tacto e ironia*

Mas enfim há... a

modéstia, discrição, tacto, a constância... a

prudência, o saber do mundo...

MINISTRO, *indicando a ministerial testa*

Olhai! ninguém suporá

não fervem com abundância

por detrás deste ar profundo!

GIL VICENTE, *que já começa a perder a paciência*

Vejo eu, esse ar é mau

– vejo lá vaidade vã,

vazio, ignorância rasa.

MINISTRO, *satisfeito de si*

Não dirás isso amanhã

depois de me imporem o grau

de doutor *honoris causa*.

GIL VICENTE

Mais nada vos encomendo?

MINISTRO

De mais nada me não lembro.

GIL VICENTE

Quereis a Verdade?

MINISTRO

A Verdade para quê?

GIL VICENTE

Para a dizer ao país!

MINISTRO

Não teria onde a empregar!

O país modernizou-se

hoje swinga, totobola,

televisiona,

não perde tempo a pensar,

basta-lhe o jogo da bola...

esquece o passado... afastou-se

do ar grave tradicional.

GIL VICENTE

Podeis viver sem Verdade?

## MINISTRO

Hoje em dia  
em toda a nação moderna  
a verdade sempiterna  
provém da secretaria  
da informação nacional.

*Aproxima-se deles, humilde, um Lavrador.*

LAVRADOR, *ao Ministro*

Senhor,  
perdoai a minha audácia,  
dignai vosso olhar descer  
sobre os pobres, é mister!  
Tenho a mulher entrevada  
cum ataque de reumático  
sem dinheiro pró doutor  
nem remédios da farmácia.  
Ao burro, com sua licença,  
apareceu-lhe uma nascença  
e uma escarça numa mão,  
há dois meses não trabalha...  
Não há dinheiro pra o pão  
nem prà palha.  
À porca,  
nasceu toda a cria morta.  
Os filhos, inda pequenos,  
têm de ir regar a horta  
e recolher as castanhas,  
enquanto eu vou às apanhas,  
carrear lenha nas matas,  
buscar estrumes, cortar fenos,

redrar, cavar as batatas.  
É um nunca mais acabar  
de trabalhos e suplícios  
Rebentaram-me uns panarícios...  
O que faço, é à sobreposse...  
Tudo corre mal na vida  
a quem é pobre...

MINISTRO, *incomodado, irado*

Decretos promulguei, com engenho e arte,  
que o progresso e o bem-estar geral promovam,  
espalhando a riqueza a toda a parte.  
As próprias estatísticas comprovam  
não te assiste razão para queixar-te.  
Os suspeitos desígnios que te movam  
ignoro-os. Mas não oponhas, que desquício!  
à minha obra social, o teu p'narício!

3.º FUNCIONÁRIO

Muito bem dito!  
Isso, sim, é que é falar!

2.º FUNCIONÁRIO

Que eloquência! Que boca de oiro!

1.º FUNCIONÁRIO, *com entusiasmo*

A argumentar  
tem a força dum toiro!

*O Ministro e Acólitos saem com cerimonial de fanfarras. Entra o Regedor, com uns alforjes aos ombros, bruto e patego; é recebido com um ridículo toque de gaita.*

REGEDOR

Sou o Regedor da freguesia!

GIL VICENTE

E em que posso servir sua senhoria?

REGEDOR

Sou autoridade!

Quando eu atravessar  
a praça,  
que toda a gente que passa  
se descubra com respeito e cortesia  
ante minha senhoria!

GIL VICENTE

Que vens buscar a esta Feira?

REGEDOR

A u t o r i d a d e !

GIL VICENTE

Para a usar de que maneira?

## REGEDOR

A lei tem só dois artigos:

1.º Fazer bem aos meus amigos.

2.º Pisar

os calos a quem não gosto.

E *sobretudo* lembrar:

fazer bem ao Regedor!

Construir caminhos novos

pra as minhas terras soalheiras...

Tenho um pinhal nas Agueiras

que há muito queria cortar...

Pensando um pouco melhor...

pra as madeiras

retirar

preciso abrir uma estrada

municipal.

As hortas estão um inferno,

não se pode ir lá no Inverno,

apodrece o novedio.

Praí, preciso uma ponte.

E a ponte precisa um rio!

Não falando já nas vinhas

que vão ficando sequinhas,

nem no monte

que está a pedir um cercal.

Mais tarde

há que pensar na barroca

que é preciso acrescentar

nos terrenos da paróquia.

E há a cortina dos sobreiros

e o souto dos castanheiros,

os lameiros,

e a tapada dos azinhos,

e àquela terra em Mortáguas  
junto aos moinhos  
tenho de levar-lhe as águas  
dos vizinhos.

Razão tem lá a patroa  
– está bem de ser Regedor  
e curar da freguesia  
com isenção, está bem!

Mas não posso, anjos do Céu,  
abandonar o que é meu,  
deixar ir tudo à toa  
e ficar sem um vintém!

GIL VICENTE

É tudo de que hás mister?

REGEDOR

Quero inda que o professor  
no exame de quarta classe  
meu filho distinto passe  
ainda que tudo ele ignore,  
– não é mais burro que o pai!

E que a música na festa  
vá tocar à minha porta  
e lá botem dez morteiros.

Que os pastores me mandem queijos  
na altura da consoada  
e que os maiorais da terra  
com a deferência devida  
mandem prova dos fumeiros,  
perus, roscas, salpicões  
e alguma porca parida.

E que não seja esquecida  
pelas Páscoas uma empada  
um pipo de malvasia  
e trezentas réstias de alhos.  
Que em festas e procissões  
o prior da freguesia  
vá convidar-me para o pálio.

GIL VICENTE

Já te basta?

REGEDOR

Quero ainda que os marchantes  
paguem-me o azeite a dobrar,  
castanhas a triplicar  
e o vinho por igual,  
quer seja vinho ou vinagre.  
Que nos meus prédios acabem  
as servidões de passagem.

GIL VICENTE

E nos prédios dos vizinhos?

REGEDOR

Se eu por lá faço passagem  
é que não há outros caminhos!

GIL VICENTE

Não estás a pedir demais?



REGEDOR

Sou ou não autoridade?

GIL VICENTE

Autoridade é justiça!

REGEDOR

Autoridade é cobiça  
de ter mais autoridade.  
A minha ficou-me cara  
tenho de me ressarcir.

GIL VICENTE

Pagaste pra o conseguir?

REGEDOR

Custou-me bem, por inteiro,  
mais de quarenta presuntos,  
outros tantos leitões, untos,  
pães-de-ló, perus, fumeiro...  
só perdizes, mais de mil...  
e outros itens  
ao governador civil.  
Apetite do Poder  
absoluto e soberano  
faze de mim um grande homem!  
Que desejos me consomem  
de o mundo inteiro reger  
e ser Tirano!

*No momento em que o Regedor, fazendo peito, nos bicos dos pés, impa de importância, surge, humilde, um Labrego.*

#### LABREGO

Perante vossa justiça  
venho pôr minha demanda  
e sem detença  
guardo vossa sentença.  
Meu compadre Zé do Embro  
que mora aos Escouradais  
emprestou-me um burro zembro  
pra fazer parelha à lavra.  
Ora,  
queixa-se o compadre agora  
que lhe encertei a alimária  
e não aguenta os atafais  
nem cabresto  
e deixou de comer palha.

#### REGEDOR

Quem? O compadre?

*LABREGO, com riso alarve*

Homem de Cristo!  
Ora o meu compadre não  
veste atafais nem cabestro!  
É, com sua licença, a besta!  
Ora se o burro era zembro  
hei-de o pagar por um são?

REGEDOR, *doutoral*

Fazer justiça é atributo  
da minha regedorial autoridade,  
a mais alta do lugar  
que não admite recurso.

Vistos os autos  
e deferida a diligência,  
decretamos  
se façam juntos citar  
os dois burros c'os dois amos  
a comparecer à audiência.

E a sentença final  
será que terás de dar  
outro burro zembro igual  
e a mancar da mesma perna.

E agora para acabar  
as custas irás pagar:  
três almudes, na taverna.

*Gil Vicente fecha a Barraca do Poder e dirige as Figuras para o Pavilhão da Fé. À frente do palco, dirige-se ao Público.*

GIL VICENTE

As altas glórias do homem,  
o amor e o poder, que vês,  
em riso e dor se consomem.  
Se o que é mais é tão somenos  
e a risadilhas e chufas  
se reduz todo o entremez,  
quão pouco vale o que é menos!  
A vida é um triste esquecer  
a dor em riso.

É um cancionero de burlas.  
E se inda resta algum siso  
é no afiado sirventês  
que se acusa.

A vida é broma  
tolo é quem a sério toma  
cantigas de maldizer.

Chega, porém, grave o dia  
em que a Morte pronuncia  
a nome vosso.  
– É tempo de ir implorar  
de vosso muito pecar  
o perdão a Jesus Cristo  
Senhor nosso.

*Pega nas mãos do Papa e do Rei e leva-os também.*

Vinde também, Papas, Reis,  
ouvir qual é vossa sorte,  
que todos somos iguais  
perante a Morte.

## **TERCEIRO ACTO**

## F É

*No Pavilhão da Fé está Cristo, vestido duma simples túnica branca, uma cruz de sangue sobre o peito, uma corda à cinta e descalço.*

*As Figuras, cada uma por sua vez, avançam para Cristo, reverentes.*

*Primeiro vem o Papa, coberto das sumptuosas vestiduras e insígnias da sua dignidade, e ajoelha-se aos pés de Cristo.*

## PAPA

Meu Senhor Jesus Cristo,  
venho render-vos, contrito,  
a devoção que vos devo.  
Do fundo da alma aflito  
rogar perdão dos pecados  
que contra vós cometi.  
Perdeu-me o fausto que via  
no cume da vossa Igreja  
como se tal lugar seja  
para orgulho e ufanía!  
Tão velho e perto da morte...  
pois ainda fiz a corte  
à vaidade!  
Faltei àquela humildade  
e simples amor  
que exige a cadeira santa  
que foi dum simples pastor.  
Dei tanto respeito ao mundo!  
Guardador da tua Lei,  
tão longe da Lei vivi!  
*Mea culpa! Vae soli!*

## CRISTO

É grande a culpa que pesa  
sobre ti.

Porém, ao fim,  
o fausto que te cercava  
e o poder que te tentava,  
mundanal,  
era tão grande e tal  
que a tua moral fraqueza  
se deixou vencer  
pelo orgulho e vaidade  
e tentações de poder.

Essa cadeira de pinho  
tosca e pobre  
onde me assentava após  
longas, duras caminhadas  
em que falava, em parábolas,  
às multidões andrajosas  
da Judeia,  
a Vós,  
pareceu modesta e feia:  
mandaste-la estofar  
e recobrir de oiro fino  
e de pedras preciosas.

Vieste em fato tão rico  
paramentado!  
Que oiro! que jóias! que lhamas!  
e eu tão pobre estou vestido  
que um de nós por confundido  
se há-de sentir.

Mas pois que me amas  
e estás do coração  
arrependido,  
esperarás no Purgatório  
a absolvição.

*Adianta-se o Rei, que traz as insígnias do seu cargo.*

REI

Senhor,  
venho ajoelhar  
perante Vossa Grandeza  
e perdão vos implorar  
da minha lama e baixeza.  
Tanto amei o poder  
e a opulência  
do meu cargo imperial  
que faltei à obediência  
da vossa lei divinal.  
Escarnei as leis humanas  
e pisei  
as próprias leis soberanas  
em que imprimia o meu selo.  
À bondade e à verdade  
faltei, e o preceito belo  
do amor e do perdão  
desprezei.

Fiz padecer o meu povo,  
sob o meu nome  
permiti crimes cruéis.  
Espalhei dores e abrolhos.  
– Venho implorar-vos, Senhor,



arrependido e de rojos,  
me perdoeis.

## CRISTO

Do mal e do bem da terra  
tiveste o maior quinhão.  
Assim tua contrição  
deve ser mais dolorosa,  
tua pena mais severa.  
De nada serve a opulência  
e as missas o teu mortório  
– antes de dar-te o perdão  
vais pagar ao Purgatório  
a, que deves, penitência.

MINISTRO, *tomando o lugar do Rei, ajoelhando-se*

Senhor,  
pela vez primeira,  
com humildade  
diante de Vós me inclino  
e em verdade  
reconheço  
o vosso poder divino.  
Nasci em humilde berço –  
meu pai era caldeireiro –  
mas logo que alto subi  
minha origem esqueci  
e tomei tal arrogância  
que nunca mais  
vi nem conheci meus pais  
desprezei para sempre os pobres  
e guardei-os a distância.

Só falava com marqueses,  
duques, condes e banqueiros.  
A todo o que estava acima  
eu servia e adulava  
dobrando a espinha;  
os de baixo, espezinhava,  
tratava mal, humilhava  
como se eles fossem escravos.

Aproveitei o poder  
para os meus ódios vingar,  
usei de todo o desmando  
e processos imorais  
para aumentar meu poderio  
e quando  
tive de largar o mando  
deixei o cofre do Estado  
vazio.

Na luta para subir  
nenhum escrúpulo nem piedade  
me estorvaram:  
servi-me de falsidade,  
promessas e truques  
para ganhar qualquer eleição.  
E se tal me aproveitava,  
chegava mesmo a fingir  
que professava  
a tua religião.  
De tanto errar e mentir  
Senhor, Vos peço perdão.

CRISTO

Tais pecados comuns são  
aos políticos demais  
desta nação.  
– Tereis castigos iguais.

MINISTRO

Senhor,  
porém  
deveis saber, é notório,  
que a grã-cruz de S. Gregório  
recebi e que há um mês  
o Papa me fez marquês.

CRISTO

Sim, também a minha Igreja  
faz negócio de vaidade  
esquecendo do meu exemplo  
simples e pobre a humildade.

Irás primeiro expiar  
em extremos  
de humildade e sofrimento  
e aprender o arrependimento.  
Depois hás-de aqui voltar  
e veremos.

*Vem o algoz, que traz um azorrague, um machado e uma metralhadora ligeira,  
por ferramenta de trabalho.*

## ALGOZ

Senhor,  
trago as mãos manchadas  
do sangue dos meus irmãos  
Sou autor de tanta morte,  
tanta tortura e suplício!  
Fui, por mandado, fazê-los,  
mas hei-de te confessar  
que muitas vezes pus zelos  
no cumprir do meu ofício.  
Minha desculpa  
é que eu era o instrumento  
de decretos superiores  
que acatava.  
Mas eu via nos teus olhos  
que sabia que matava  
e que homem  
não pode matar sem culpa.  
Aqui me tens a teus pés,  
tinto das mortes que fiz,  
infeliz,  
posto de parte,  
sem ousar que me perdoes,  
suplicar-te.

## CRISTO

Os teus crimes são mais graves  
que os daqueles que no papel  
os assinaram  
e mandaram cometer.  
Derramaste humano sangue  
mereces penas severas.

As mãos que Deus te deu brancas  
e tão limpas como as minhas  
fizeste garras de feras.

Antes de vires lançar-te  
a meus pés, graça requerer,  
hás-de primeiro ir obter  
de joelhos, mordendo o pó,  
o perdão  
daqueles a quem foste algoz.

*Adianta-se o Rico, vestido faustosamente, correntes de ouro, os dedos cheios de anéis.*

## RICO

Senhor,  
venho adorar-vos  
e implorar-vos  
perdão para a minha riqueza  
e grandes culpas.  
Bem sei que não há desculpas  
para ter roubado a pobreza,  
ter violentado a fraqueza  
e escarnecido a desgraça.  
Mas sabia que a tua graça  
era infinita.  
Fizeste a Terra tão bela  
e a Vida tão gostosa  
e a carne tão viçosa  
que não me pude contê-la  
e caí em tentação.

E depois, Senhor, sabeis,  
que as tendências naturais  
são mais  
e o ouro  
tem tal garbo e sedução!  
Neste momento, Senhor,  
o arrependimento é sincero,  
nada mais quero  
que merecer Vosso perdão.

### CRISTO

Para mostrares que arrependido  
és de teu procedimento  
mau e cru,  
despe o orgulho e toma a estrada,  
caminha descalço e nu  
sobre as dores e o sofrimento  
que aos outros tu impuseste.  
Restitui o que roubaste,  
sofre os espinhos que deste.  
Se alguma coisa doaste,  
desconta-a no que ofendeste.  
– Só depois te dou licença  
de vir à minha presença.

*SOLDADO, toma o lugar do Rico e ajoelha*

Senhor,  
regresso da guerra  
cheio de feridas, cansado;  
fui matar homens  
que nunca antes tinha visto  
nem me haviam feito mal.

Explica-me tu, ó Cristo,  
por que razão fui mandado  
e afinal  
porque matei?

Destruí a Europa inteira.  
De sangue fiz os oceanos  
trasbordar.

– Onde estavas, Lei Divina,  
que ninguém te fez lembrar?

Pus o mundo inteiro a arder  
e devastei Hiroshima  
com uma bomba nuclear.

– Que traição me fez esquecer  
meus sentimentos humanos?

Deixei os povos sem casas,  
rotos e cheios de fome  
sob a áspera invernia;  
e quando voltei à minha  
cidade, não encontrei  
no meu lar senão ruína...  
meus pais mortos pela guerra  
e as irmãs de braço dado  
com os soldados inimigos.

Senhor,

matei

e ainda não sei

porquê.

Estou confuso, perdido.

No trabalho, cada dia,

em pesadelos, suores,

interrogo-me:

loucura apenas seria

de cegos e de malvados,  
ou a humana natureza  
que criou Teu Pai  
é feita de tal vileza  
e insensatez  
que a si própria se destrói?

Senhor,  
faze de mim o que quiseres,  
sem alma,  
nada me dói.

## CRISTO

Nunca antes houve, nem há,  
motivos para cruzadas,  
porque os homens são irmãos  
e filhos do mesmo Pai.  
Despe as armas,  
esquece a guerra  
e descansa.  
Depois, irás  
pegar no arado e a terra  
semear de pão e vinho  
e no laboratório  
preparar o futuro  
na Esperança  
e na Paz.

*Afasta-se o Soldado e vem a Beata, embiocada sob um xale preto, falando com voz de falsete, dando-se a grandes intimidades com Jesus.*



## BEATA

Meu Jesus, filho adorado,  
bem me conheces  
e te conheço.  
Sei que mereço  
Tua indulgência  
– que em boas bulas paguei!  
Recebeste as orações  
que com piedade rezei:  
dez mil missas comungadas  
mais de trinta mil novenas,  
mais de cem mil terços, penas,  
promessas, votos e velas,  
ladainhas,  
penitências,  
abrenúncios, benzedelas,  
nem é possível contá-las.  
Sem já falar nos jejuns...  
puseram-me tão fraquinha  
que ia morrendo do peito.  
Toalhas, opas que lavei!...  
(E algumas vezes até  
as roupas brancas do abade.)  
Posso dizer com vaidade –  
abrenúncio! salvo seja! – (*Persina-se.*)  
nem uma só vez faltei  
a um serviço na igreja!

## CRISTO

De ti não há precisão  
no Céu.  
De tantas missas e rezas,

nem numa só  
tu puseste o coração.  
O Esbirro, que espalhou a dor,  
até esse conheceu  
o amor  
nos filhos e na mulher.

Ficou tua alma medíocre  
entre o bem e o mal  
neutral.  
Passaste entre o amor e o ódio,  
à vida indiferente, assim  
como à vergonha e à glória.

Por descrença na bondade  
do Deus Eterno  
que o Homem bom  
e a Vida boa criou,  
irás parar ao Inferno.

*A Beata sai, em grandes gritos e protestos. Vem, correndo, o Pobre.*

## POBRE

Senhor,  
                  sangrando de dor,  
venho implorar-vos de rastos  
perdão para os meus pecados  
que foram muitos, e maus.  
Mas descontai-me, Senhor,  
que também do sofrimento  
subi todos os degraus.  
Passei angústias, tormentos,  
e conheci da tortura

tudo o que a maldade e a ciência  
já puderam inventar  
pra destruir e aviltar  
a humana natureza.

Arrastaram-me de rojos  
escarneceu-me a Cidade  
e arrancaram-me os olhos  
e desmembraram-me;  
gasearam-me aos milhões  
em Auschwitz e Buchenwald.

Cortaram-me a carne viva  
e inda em vida me enterraram,  
brincaram com meu pavor,  
cevaram em mim seus vícios;  
fizeram de mim  
um molho de sofrimentos  
e dos meus nervos tições;  
sujeitaram-me a suplícios,  
torturações  
sem nome.

Minha alma  
foi o pasto de demónios  
que gozavam minha dor.

E enquanto eu assim sofria  
toda a Europa se calava.  
Nem da imensa Crisandade  
uma palavra se erguia  
a consolar minha agonia,  
nem um protesto,  
uma ligeira censura  
a condenar o Carrasco.  
O mundo inteiro fez silêncio!

Mesmo Roma, Roma, a Tua  
Cidade Santa,  
se acobardou  
e calou,  
fechou os olhos, não viu  
– por trás dum turvo silêncio  
consentiu.

(Mesmo hoje, inda a arma infernal  
e o seu perigo criminal  
de maldição não feriu.)

Em nome de tanta dor,  
a Vossa misericórdia,  
Senhor!

## CRISTO

Sofreste mais no teu corpo  
do que Eu próprio padeci  
no Calvário.  
A Ciência, em Jerusalém,  
estava muito aquém,  
de inventar  
a dor e o horror  
do progresso nuclear  
e do sistema nazi.  
Sofreste com paciência  
os ricos e os doutores  
que exploraram teus suores  
e bondade. A penitência  
já te deu a Minha Igreja  
que te mandou tais horrores  
suportasses com paciência.

Filho de Deus,  
que a tua tristeza passe.  
Levanta-te, penitente!  
Só tu és digno  
de beijar a Minha face.

*Avança, em passo de ganso, um Polícia SS Nazi, que faz diante de Cristo rígida  
saudação.*

## POLÍCIA SS

Senhor,  
ouvi-me.  
Logo que entrei para a escola,  
pequenino,  
me ensinaram  
o ódio  
e a marchar como os soldados  
a amar a guerra  
e a adorar um homem  
– O Único, o Guia.  
– E desse homem fiz meu Ídolo.  
Sua palavra aceitei  
por meu único evangelho.

Aprendi o novo credo:  
de olhos fechados, segui-o  
renunciei minha vontade  
reneguei o raciocínio  
tornei-me uma peça exacta  
do maquinismo;  
A Nova Ordem  
foi a minha religião  
e a minha própria consciência

seguia a orientação  
do Partido.

Vestiram-me um uniforme  
e aos quinze anos me mandaram  
guardar  
campos de extermínio.

E mais ódio me amontoaram  
no coração.

E assim me prescreveram  
que tratasse como escravos  
os homens de outra nação.

Deram-me ordens de matar  
homens em massa  
com o fim de exterminar  
todo um povo e uma raça.

E de metralhar reféns  
na rua à sorte apanhados.

E ensinaram-me  
que era justo e meritório  
tirar dos braços das mães  
crianças para as gasear  
e vivas queimar  
no forno crematório.

Tudo isto fiz  
por aprender  
dos meus mestres desumanos  
que era a maneira e o dever  
de servir o meu país.

– Tudo isto fiz  
não tinha eu inda vinte anos.

Senhor,  
deixaste de mim fazer  
uma fera  
sem sentimentos humanos.  
Porque não quiseste entrar  
pela réstia duma dúvida  
que por vezes dealbava  
na minha jovem consciência?  
Senhor, que não te moveste!  
Porquê a tua indiferença?  
Só conheci crueldade;  
ódio, fereza, opressão  
julguei ser da humanidade  
a natural condição.

Senhor,  
é meu o pecado?  
Fiz a minha confissão.  
Sou culpado?  
Posso esperar o teu perdão?

*CRISTO, profundamente triste e preocupado*

As cruezas infinitas  
que obrigaram-te a fazer  
nem na lei de Lúcifer  
estão escritas.

Homem, qual Deus o criou,  
nunca antes praticou  
tão desumana carnagem  
nem de tal consciência agiu!  
Foi muito além do poder  
de mal fazer

que Deus Pai lhe consentiu  
quando o criou  
à sua imagem

POLÍCIA SS

Senhor, devo ou não pagar?

CRISTO

Com Meu Pai vou consultar –  
– casos assim desmedidos  
não estão previstos na Lei.

*(Cristo faz sinal a Gil Vicente, afastado no grupo, para que se aproxime:)*

E tu, quem és?

GIL VICENTE

Um *homem*.

Um ser que anseios consomem  
de atingir suma beleza  
e de em si ultrapassar  
sua própria natureza.

Um homem fiel ao verbo  
que clama na carne, acerbo,  
que nasceu para criar.

CRISTO

Homem, quem és?



GIL VICENTE

*Ninguém.*

Pó do caminho que piso  
cinza do fogo que acendo  
pedra do monte que ascendo  
sombra do Céu a que viso.

Luz que o vento logo apaga  
nuvem que em chuva esvaece  
folha que ao vento perece  
raio de sol sobre a vaga.

Não sou ninguém, pois que vivo  
incerto de mim, da sorte,  
de para onde vou – da morte  
em cada instante cativo.

CRISTO

Ninguém... Bem vejo do homem  
na tua frente, profundo,  
o sofrimento marcado.  
Qual é o teu nome?

GIL VICENTE

*– Todo o Mundo.*

Na minha voz fala um Povo  
inteiro – vivo e passado.

Sou o pobre desprezado  
sou o grande e poderoso  
o Rei, o Juiz e o enforcado.

Sou a cantiga da rua  
o hino, a oração, a praga,  
minha boca é como a vaga  
onde braveja e divaga  
do oceano a voz, vasta e nua.

Sou em pedra a minha obra,  
trabalho, esforço, bravura  
– que a beleza nunca sobra  
a quem cai, perde, soçobra,  
mas aspira sempre à altura.

Sou a Humanidade e a História  
lúcida a erguer o futuro  
manchada de sangue e glória,  
cheia de fé na vitória  
de outro homem, nascituro.

De todas as coisas belas  
de tudo o que há de profundo  
e aspira sob as estrelas  
tenho nome, e vivo nelas.  
– O meu nome é *Todo o Mundo*.

Nasci de mim, do pecado  
do amor – contradição –  
para mais amar – prolongado –  
grito rebelde, indignado,  
contra a humana condição.

Achei-me nu sobre a areia  
do deserto, ao abandono.  
Perdido na face alheia  
da terra hostil e vermelha  
deixei, traído, meu sonho.

Tenho tudo, o mundo abarco.  
Do que possuo, porém,  
nada é meu; visa o meu arco  
o infinito, onde vai meu barco.  
– Sou *Todo o Mundo e Ninguém*.

## CRISTO

Irmão,  
leio no teu coração  
rasgado de muito espinho.  
Teus olhos, como cristais,  
deixam ver toda a amargura,  
transcendida em luz e altura  
que vibram nessa voz pura  
que aos outros mostra o caminho.  
– Em ti, és tu e és os mais.

*Cristo faz sinal de o abençoar.*

INVOCACÃO FINAL, feita por Cristo, enquanto todos ajoelham

## CRISTO

É tempo de Eu implorar  
a Meu Pai que está nos Céus

que me permita encarnar  
em novo Homem  
o novo Deus.  
Porque o homem  
já se não pode salvar,  
tanto é o peso dos pecados  
acumulados  
em vinte séculos de sangue.  
Senhor Deus,  
não o deixeis naufragar  
não o deixeis sucumbir  
sob oceanos infernais  
de maldades  
novas  
e iniquidades  
novas  
e angústias mais que mortais  
e horrores maiores  
que aqueles que Eu conheci  
e pecados mais mortais  
inventados  
pelo Mal  
desde que Eu fui no Calvário  
imolado.

Senhor,  
sustai a Última Queda  
do home  
e permiti  
que Eu de novo vá morrer  
para o remir.

Senhor Meu Pai,  
que estais nos Céus,

Eu não posso  
esperar mais  
– deixai-me ir  
antes que seja  
tarde demais  
e o Homem destrua o Homem  
e na Terra  
não fiquem  
mais que cinzas  
e ossos.  
Ámen.

*Todas as Figuras do Auto acompanham em coro:*

Ámen.

*25 a 31 de Dezembro,  
do ano do Quinto Centenário  
de Gil Vicente*

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com exceção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.*

*No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to [info@armandomartinsjaneira.net](mailto:info@armandomartinsjaneira.net).*